

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**Instituto de Ciências Humanas**  
**Departamento de Antropologia e Arqueologia**  
**Curso de Bacharelado em Antropologia**  
**Linha de formação em Antropologia Social e Cultural**



Trabalho de Conclusão de Curso

**“Nós Por Nós”:**  
**um projeto social em meio à escalada da fome no Brasil**

**Pelotas**  
**2022**

**BRUNO PINHO CHAVES**

**“Nós Por Nós”:  
um projeto social em meio a escalada da fome no Brasil**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Antropologia.

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Claudia Turra Magni**

**Pelotas  
2022**

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas  
Catalogação na Publicação

C512n Chaves, Bruno Pinho

Nós por nós : um projeto social em meio à escalada da fome no Brasil / Bruno Pinho Chaves ; Claudia Turra Magni, orientadora. — Pelotas, 2022.

84 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Antropologia) — Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2022.

1. Fome. 2. Pobreza. 3. Projeto social. 4. Terceiro setor.  
I. Magni, Claudia Turra, orient. II. Título.

CDD : 362.50981

Bruno Pinho Chaves

“Nós Por Nós”: a organização de um projeto social em meio a escalada da fome no Brasil

Data da Defesa: 22 de junho de 2022

Banca examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cláudia Turra Magni (Orientadora) Doutora em Antropologia Social e Etnologia pela École des Hautes Études en Sciences Sociales.

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Flávia Rieth (Examinadora) Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Carmen Janaina Machado (Examinadora) Doutora em Desenvolvimento Rural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

---

## **Agradecimentos**

**Primeiramente, agradeço à minha mãe, que me gerou, foi meu primeiro lar e caminhou comigo até onde pôde. Ao meu pai, por acreditar em mim e apoiar com tudo que está ao seu alcance.**

**Ao meu irmão Maico, à minha irmã Marília, que foi minha primeira casa em Pelotas, e, especialmente, à minha irmã Lilia pelo apoio e amor incondicional, por estar presente em cada lágrima e em cada sorriso, por sempre me incentivar e me ajudar a alcançar meus objetivos. À Su, a boadrasta que se fez presente e cuidado sempre que foi preciso.**

**Ao meu namorado Renê por todo amor, carinho e compreensão, mesmo nos momentos mais difíceis, por entender o meu processo e respeitar o meu tempo.**

**À minha dinda Lígia, ao meu dindo Ori, à minha irmã do coração Liziane, à minha tia Beta, todas pessoas fundamentais na minha vida.**

**A todas as colegas de graduação que tive a oportunidade de conviver e trocar, em especial às minhas amigas Martha, Larissa, Helena, Angélica, e Flor por serem inspiração, por produzirem uma Antropologia potente e por dividirem momentos inesquecíveis comigo.**

**À minha orientadora Claudia por entender os meus sumiços e não desistir de mim nem deste trabalho. À professora Flávia e à professora Carmen por aceitarem ser minha banca e fazerem parte deste meu encerramento de ciclo. A todas as professoras e professores que me acolheram e ensinaram tanto ao longo da graduação. À UFPEL e a todos os funcionários e funcionárias que tornam o sonho de tanta gente realidade.**

**Ao projeto Nós Por Nós, que tornou essa pesquisa possível, e a todas as voluntárias e voluntários que trabalham de forma incansável para que todo**

**mundo tenha comida no prato e uma vida digna. Agradeço em especial às minhas colegas e amigas Gisa, Kátia, Alessandra e Rô, que desde o princípio me acolheu, me mostrou o caminho e é uma inspiração para mim.**

**Ao presidente Lula e à presidenta Dilma por todas as Políticas Públicas, elaboradas junto e por demanda dos movimentos sociais, que fizeram do Brasil um país menos desigual e mais justo.**

**E, por fim, à Caetano, Bethânia, Gil e Gal por sua arte que me ajuda a seguir. Obrigado por serem doces em tempos tão bárbaros.**



Lambe e fotografia de minha autoria. Pelotas, dezembro de 2020.

*Gente quer comer, gente que ser feliz  
Gente quer respirar ar pelo nariz  
Não, meu nego, não traia nunca essa força não  
Essa força que mora em seu coração  
Gente lavando roupa, amassando pão  
Gente pobre arrancando a vida com a mão  
No coração da mata gente quer prosseguir  
Quer durar, quer crescer, gente quer luzir [...]  
Gente é pra brilhar, não pra morrer de fome*

*– Caetano Veloso*

## Resumo

CHAVES, Bruno Pinho. **“Nós Por Nós”**: um projeto social em meio a escalada da fome no Brasil. 2022, 82f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Antropologia Social com linha de formação em Antropologia Social e Cultural) – Departamento de Antropologia e Arqueologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2022.

O presente trabalho objetiva contextualizar a fome no Brasil a partir de trabalhos que tratam sobre o tema, além disso, avanço com a realização da etnografia, produzida entre 2021 e 2022, junto ao Projeto Social Nós Por Nós, assim busco entender a criação e reorganização do Terceiro Setor em meio a escalada da fome no país, durante a pandemia de Covid-19. O estudo mostra a predominância das mulheres nessa área de atuação que, conforme aponta a experiência no projeto NPN, são movidas por uma espécie de solidariedade de classe e justiça social, visto que o grupo é constituído em grande parte por mulheres ligadas a associações de classe, movimentos sindicais e partidos políticos de esquerda, comprometidos com a classe trabalhadora. Essa característica da identidade do grupo é fundamental pois orienta o mesmo nas suas ações de modo a desempenhar seu papel social sem deixar de cobrar quem de fato é responsável por desempenhar tal trabalho.

**Palavras-chave:** fome; pobreza; projeto social; Terceiro Setor.

## Abstract

CHAVES, Bruno Pinho. **“Nós Por Nós”**: a social project in the midst of the escalation of hunger in Brazil. 2022, 83f. Completion of course work (Bachelor in Social Anthropology with training in Social and Cultural Anthropology) – Department of Anthropology and Archeology, Institute of Human Sciences, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2022.

The present work aims to contextualize hunger in Brazil from works that deal with the subject, in addition, I advance with the realization of the ethnography, produced between 2021 and 2022, together with the Social Project Nós Por Nós, thus I seek to understand the creation and reorganization of the Third Sector amid the escalation of hunger in the country, during the Covid-19 pandemic. The study shows the predominance of women in this area of activity who, as the experience in the NPN project points out, are driven by a kind of class solidarity and social justice, since the group is largely made up of women linked to class associations. , trade union movements and left-wing political parties, committed to the working class. This characteristic of the group's identity is fundamental because it guides the group in its actions in order to perform its social role while demanding who is in fact responsible for performing such work.

**Keywords:** hunger; poverty; social project; Third sector.

## Sumário

<b>Apresentação</b> .....	<b>11</b>
1.1 Minha trajetória e o despertar para o tema de pesquisa .....	<b>11</b>
<b>Capítulo I: Metodologia</b> .....	<b>17</b>
1.1 Desafios de uma pesquisa etnográfica na pandemia .....	<b>17</b>
<b>Capítulo II: Fome no Brasil</b> .....	<b>24</b>
2.1 Dilema da fome: passado e presente .....	<b>24</b>
2.2 Mapa da fome brasileiro .....	<b>29</b>
2.3 De alimento à <i>commodity</i> .....	<b>33</b>
2.4 Múltiplas dimensões da fome .....	<b>37</b>
2.5 O Terceiro Setor e suas contribuições .....	<b>41</b>
<b>Capítulo III: Projeto Nós Por Nós</b> .....	<b>44</b>
3.1 Aproximação com o projeto .....	<b>44</b>
3.2 Perfil das voluntárias .....	<b>47</b>
3.3 Sobrecarga de trabalho .....	<b>48</b>
3.4 Dinamismo e motivação .....	<b>50</b>
3.5 Primeira frente de atuação: amigos da rua .....	<b>53</b>
3.6 Segunda frente de atuação: famílias da Estrada do Engenho .....	<b>65</b>
3.7 Terceira frente de atuação: isolamento térmico das casas .....	<b>75</b>

**Considerações finais ..... 77**

**Referências bibliográficas ..... 79**

## **Apresentação**

- **Minha trajetória e o despertar para o tema de pesquisa**

Filho de um alambrador e uma dona de casa, nascido em Pedro Osório, cidade de cerca de 7 mil habitantes no interior do Estado do Rio Grande do Sul, sou o único de quatro irmãos a romper o ciclo de falta de acesso à educação superior e entrar para a universidade. Minha trajetória é atravessada a todo momento por mulheres fortes, desde minha dinda, tias e irmãs - que, com a morte de minha mãe quando eu tinha seis anos, ocuparam um papel fundamental na minha formação - passando pelas minhas professoras do ensino médio - que sempre acreditaram em mim e no poder da educação - até minhas queridas colegas da graduação e professoras da antropologia.

A universidade sempre esteve em um lugar distante demais para mim, assim como para a maioria dos filhos da classe trabalhadora deste país, na maior parte do tempo. Contudo, foi aos dezesseis anos, no meu primeiro emprego formal, convivendo com pessoas todas formadas no ensino superior, que comecei a acreditar que eu poderia romper essa barreira. Às vezes, o que a gente precisa é imaginar outros futuros e acreditar neles, para assim criar novas realidades. Digo isso sem a intenção de romantizar a desigualdade ou colocar toda responsabilidade na força do querer ou do "fazer por onde"(a infame meritocracia), mas sim pensando na necessidade do engajamento e luta política para movimentar estruturas, ou melhor, colocá-las abaixo, e desta forma criar condições materiais para que a educação seja de fato um direito de todos e não um privilégio de poucos.

A minha aproximação com a Antropologia foi repentina. Até pouco antes do processo de seleção para o ingresso no curso, eu pouco tinha ideia do que ela tratava. Quando ingressei na UFPel no início de 2017, via a Antropologia enquanto um lugar de passagem, onde eu esperaria até o final do ano para o processo seletivo do curso de Psicologia, que era o meu objetivo desde quando comecei a alimentar o sonho de entrar na universidade. Então, apesar de ter criado um grande vínculo afetivo com o curso e os/as colegas, não me permiti engajar nos projetos e grupos de pesquisa. Chegado o período do processo seletivo, não fui chamado para

Psicologia, e então percebi que precisava me jogar e descobrir o que a Antropologia significava para mim.

Tentei fazer parte de vários projetos, em alguns não me encaixava, em outros até fazia sentido, mas de alguma forma nunca conseguia manter o vínculo. Foi no correr dos anos seguintes que comecei a entender o meu lugar na Antropologia e o que poderia fazer a partir dela. O envolvimento com a recriação do Diretório Acadêmico do curso e com o movimento estudantil, frente aos ataques à educação, me mostraram que a Antropologia pode ser um instrumento muito poderoso para a luta política, alcançando leituras do cenário social que outras lentes talvez possam não alcançar.

Não que uma coisa exclua a outra, porém, apesar do meu forte envolvimento, até pelo fato de ser um homem gay, nas discussões sobre sexualidade e o movimento LGBTQIA+, não foram essas as áreas que mais engajei, mas sim as discussões que diziam respeito a classes sociais. Acredito que isso se dê, muito pelo fato de, na infância, sempre acompanhar meu pai na militância pelos direitos da classe trabalhadora.

Então, foi na disciplina de Antropologia da Arte, ministrada pela professora Daniele Borges, que eu comecei a desenhar o tema deste trabalho. A proposta da disciplina era falar sobre nosso dia a dia pensando a experiência no mundo pandêmico. Decidi trabalhar com temática relacionada a pessoas em situação de rua, visto que era algo que vinha me atravessando demais. Noites e dias, durante a pandemia, vi, da minha janela, pessoas revirando o lixo em busca de comida, fazendo das lixeiras um prato *self-service*.

O Brasil se constitui como um país extremamente desigual, sua história comprova isto da chegada dos colonizadores, passando pela escravidão, alcançando os dias atuais. E a fome<sup>1</sup>, evidentemente, é um dos elementos que compõem este cenário. Segundo informações da FAO, Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura, o Brasil, apenas em 2014, após longos anos de investimentos em políticas públicas de distribuição de renda, conseguiu sair do Mapa da Fome. Este é o relatório de Estado da Insegurança Alimentar no Mundo

---

<sup>1</sup> Apesar da fome ser um fenômeno maior do que a explicação fisiológica pode dar, fato que eu discuto posteriormente neste trabalho, o conceito de fome adotado neste primeiro momento é o mesmo que o da FAO, sendo sinônimo de subalimentação e definido por Ribeiro Jr (2019) assim: “cujo consumo habitual de alimentos é insuficiente para fornecer os níveis de energia da dieta que são necessários para manter uma vida ativa e saudável normal [...] aproximadamente 1.800 calorias.” (p.2)

que mostra todos os países onde pelo menos 5% da população encontra-se em situação de subalimentação.

Contudo, da metade da década para cá, governos de direita e extrema direita foram tomando o poder em diversos países e colocando em prática seus projetos políticos. No Brasil não foi diferente, em um contexto de crise política e após um golpe parlamentar que destituiu uma presidenta eleita democraticamente, o governo brasileiro deu segmento a uma agenda de austeridade econômica, retirando direitos trabalhistas, cortando investimentos em políticas públicas de distribuição de renda e em outras diversas áreas essenciais para o bem estar social.

Em 2020, o mundo se deparou com a pandemia de Covid-19 (SARS-CoV-2) e, com a crise sanitária, evidenciou-se o desastre dos governos de agendas neoliberais<sup>2</sup>, cujos investimentos no setor público, na pesquisa e na ciência foram rebaixados, em muitos casos, a quase nada. Daniel Balaban, diretor do Centro de Excelência contra a Fome e representante do Brasil do Programa Mundial de Alimentos das Nações Unidas (WFP), em entrevista à CNN Brasil (2021)<sup>3</sup>, afirma o seguinte: “A condição do Brasil vinha se deteriorando antes da pandemia, por conta dos cortes orçamentários de políticas sociais, crises políticas e econômicas. A pandemia só apressou e piorou essa situação.”

Neste contexto de pauperização e fome da população, em 2021 o Brasil voltou ao relatório da FAO figurando entre os países com maior alta nos índices. Ainda segundo dados de uma pesquisa mais recente<sup>4</sup>, divulgada em junho de 2022, realizada pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede PENSSAN), atualmente passam fome no Brasil 33,1 milhões de pessoas, um aumento de 14 milhões em dois anos, comparado ao final de 2020 onde os números apontavam 19,1 milhões. E, ainda segundo esse relatório de 2022, outros 125,2 milhões de brasileiros e brasileiras, cerca de metade da população do país, vivem com algum grau de insegurança alimentar, que é quando a pessoa não tem acesso a alimentação de forma regular e permanente.

---

<sup>2</sup> O neoliberalismo é uma corrente econômica da Escola de Chicago que defende o livre mercado, a proteção da propriedade dos meios de produção, a privatização de empresas estatais e a desregulação do estado na economia.

<sup>3</sup> Matéria disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/inflacao-e-pandemia-podem-empurrar-brasil-de-volta-ao-mapa-da-fome/>. Acesso em: 01/10/2021.

<sup>4</sup> Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil: Disponível em:

<https://olheparaafome.com.br/wp-content/uploads/2022/06/Relatorio-II-VIGISAN-2022.pdf>. Acesso em: 10/06/2022.

Diante da ineficiência de gestão do governo, que atrapalhou o máximo que pode o projeto de Auxílio Emergencial de seiscentos reais que garantiria o mínimo de dignidade a parte da população, e também em virtude do *boom* das pessoas em situação de rua pelo país, exacerbando assim o estado de empobrecimento da população, foi possível perceber a (re)organização da sociedade civil e a criação de grupos e projetos voltados ao atendimento das pessoas em situação de rua e em estado de insegurança alimentar.

Mas antes de falar sobre o tema desta pesquisa, gostaria de registrar que meu interesse inicial de estudo envolvia a população em situação de rua. Contudo, além dos empecilhos da pandemia para a criação de laços, as tentativas de aproximação com estas pessoas foram frustradas por outro motivo. Três interlocutores, de lugares diferentes, com quem eu vinha estabelecendo relação há alguns meses, foram embora dos locais onde costumava os encontrar. Para MAGNI (2006, p. 32),

A grande mobilidade destas pessoas está diretamente relacionada com a extrema fluidez que caracteriza a maioria dos agrupamentos. Alguns grupos se formam, aumentam de tamanho, desmembram-se e desaparecem para se recompor com novos sujeitos mais adiante em outro local.

E apesar do esforço em buscar esses interlocutores, durante as saídas a campo, para cultivar a relação e posteriormente dar seguimento à pesquisa, as coisas pareceram começar a perder o sentido. Talvez tenha sido justamente por isso, por esse esforço demasiado em uma relação que o próprio campo não estava permitindo. Trago isto porque acredito ser importante apresentar os fracassos, ou melhor, os novos rumos que uma pesquisa pode tomar diante de um campo que não se mostra possível.

Portanto, decidi mudar o tema da pesquisa. Embora permanecendo com interesse geral sobre o empobrecimento da população e suas vulnerabilidades, mas sobretudo, sobre modos de combatê-lo. Comecei a pesquisar a criação e reorganização dos grupos da sociedade civil que atuam no combate à fome, o qual se tornou meu recorte temático para esta pesquisa. Logo em seguida, estabeleci e aprofundei vínculo com uma organização de Pelotas da qual eu já era voluntário havia cerca de um mês. Desse modo, sem sair do meu interesse inicial, a pesquisa começou a fluir, me permitindo construir este ensaio etnográfico.

A organização em questão é o Projeto Nós Por Nós (NPN), que atua em Pelotas desde maio de 2021. Apesar de não ter ligação institucional alguma com o Sindicato da Alimentação de Pelotas, é neste espaço que o grupo organiza suas ações. O objetivo do projeto é amenizar a fome de quem vive em situação de vulnerabilidade social e suas ações atendem pessoas em situação de rua e cerca de trinta e cinco famílias da Estrada do Engenho, às margens do Canal São Gonçalo. Anteriormente, este local era ocupado por pessoas escravizadas e hoje abriga uma comunidade de trabalhadores desassistidos pelo Estado. As principais frentes de trabalho do Projeto NPN são o preparo e distribuição semanal de marmitas para a população em situação de rua de Pelotas e duas ações junto a famílias moradoras da Estrada do Engenho, em Pelotas: a distribuição de cestas básicas e o isolamento térmico das casas com caixas de leite reutilizadas. Além disso, o projeto desenvolve outras ações que acontecem em virtude da urgência e necessidade apresentada pelas pessoas assistidas, como, por exemplo, campanhas de arrecadação e distribuição de roupas e cobertores.

Sobre o perfil das voluntárias do projeto, destaco o fato de que ele é majoritariamente composto por mulheres. Das cerca de trinta pessoas na ativa, aproximadamente 80% são mulheres. Facilmente, um texto acadêmico falando sobre determinado grupo de pessoas adotaria o gênero gramatical chamado "neutro" que, não por acaso, coincide com o masculino, ou seja, as pessoas que integram o projeto NPN seriam referidas como "voluntários". No entanto, neste trabalho, sempre que for me referir ao conjunto de integrantes do grupo as tratarei no feminino, enquanto voluntárias, reiterando assim uma característica marcante de seu perfil. São muitas as discussões a respeito da língua portuguesa e o seu uso. Atualmente, as que se referem a gênero talvez sejam as que mais geram embates. Os avanços das teorias feministas e do movimento LGBTQIA+ quanto às discussões acerca do gênero "neutro", por exemplo, vêm sendo distorcidas e fortemente atacadas por grupos neoconservadores. Essa questão não é o foco deste trabalho, portanto não me atarei a ela, mas o que quero dizer é que a escrita se encontra no campo da linguagem e o domínio desta área está em disputa constantemente, é uma questão de exercício de poder e de construção da realidade.

Dito isto, é nesse contexto mais amplo que este trabalho se situa, na medida em que as ações de grupos e projetos do Terceiro Setor anteriormente, no início dos anos 2000, foram fundamentais para a criação do Programa Fome Zero, um

programa que instituiu um conjunto de políticas públicas envolvendo o governo federal, estadual e municipal e que foi responsável pela saída do Brasil do Mapa da Fome.

O objetivo geral desta pesquisa é contextualizar a fome no Brasil a partir de trabalhos que tratam sobre o tema e avançar com a realização de uma etnografia junto ao Projeto Social Nós Por Nós, visando com isso entender a organização do Terceiro Setor no âmbito da pandemia de Covid-19. Busco, mais especificamente, analisar sua formação diante de um contexto de crise sanitária, as motivações das voluntárias, a forma de organização e atuação da equipe nas referidas ações e demais questões que serão detalhadas na etnografia. Destaco, portanto, que o tema central desta pesquisa concerne o voluntariado e suas ações e apenas indiretamente às pessoas assistidas pelo projeto. Apesar de saber que elas são a própria razão de ser do projeto, e de descrever, em alguns momentos, a relação delas com o Projeto NPN, este não é foco da pesquisa. Precisaria de algo maior que um Trabalho de Conclusão de Curso para dar conta de uma discussão mais aprofundada sobre estas relações.

O texto está estruturado em 3 capítulos. No primeiro, trato de questões de ordem teórico-metodológica. A seguir, destino um capítulo à contextualização da fome no Brasil. Apresento a obra "Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada", de Carolina Maria de Jesus (2019), abordando como sua literatura denuncia e reflete este problema até hoje no Brasil. Trago as contribuições de Josué de Castro, cujo trabalho foi contemporâneo da obra literária de Carolina e precursor nos estudos sobre a fome no país. Também neste capítulo está presente a etnografia de Maria do Carmo Soares de Freitas, que aborda a fome a partir da fenomenologia, sem restringir-se a uma abordagem médica ou fisiológica. O terceiro capítulo destina-se à parte etnográfica junto ao Projeto NPN, onde apresento questões relativas à organização deste coletivo do Terceiro Setor, visando entender seus propósitos, suas motivações e ações e seu relacionamento com as pessoas assistidas.

## Capítulo I: Metodologia

### 1.1 Desafios de uma pesquisa etnográfica na pandemia

Para apresentar a construção teórico-metodológica deste trabalho, primeiramente é necessário tipificar o caráter da pesquisa. A abordagem adotada aqui é a da pesquisa de cunho qualitativo, muito característica das pesquisas nas áreas das ciências sociais e ciências humanas. A mesma caracteriza-se pelo enfoque da compreensão do grupo pesquisado, e acima de tudo, construtor da pesquisa junto do/a pesquisador/a, a partir da dimensão humana, política, moral, relacional e de sua organização.

Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2001, *apud* SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 32)

Dentro da Antropologia, o método base, próprio da área e que qualifica a pesquisa é a etnografia, como é o caso deste trabalho. A etnografia se configura como uma abordagem da qual o pesquisador estabelece uma relação de troca com o grupo pesquisado e essa relação torna-se o fio condutor da pesquisa. Através desse vínculo, onde as intersubjetividades entre o grupo e o pesquisador se atravessam mutuamente, correlacionando-se, a pesquisa passa a ganhar corpo na medida em que permite ao pesquisador acessar camadas para uma interpretação de uma perspectiva profunda do grupo, a partir da teoria vivida. Como coloca a antropóloga Mariza Peirano (2008, p.3), a “etnografia não é apenas um método, mas uma forma de ver e ouvir, uma maneira de interpretar, uma perspectiva analítica, a própria teoria em ação.”

Como técnicas do método etnográfico, faço uso neste trabalho da observação participante. Ela foi fundamental no desenvolvimento desta pesquisa porque permitiu que eu participasse do projeto social como voluntário e observasse as dinâmicas do grupo, ao mesmo tempo em que era percebido pelo mesmo. Como apresenta

William Foote Whyte (1980) ou como argumenta Cicourel (1980, p.89), a observação participante é:

um processo pelo qual mantém-se a presença do observador numa situação social com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador está face-a-face com os observados e, ao participar da vida deles no seu cenário natural, colhe dados. Assim o observador é parte do contexto sob observação, ao mesmo tempo modificando e sendo modificado por este contexto.

O material etnográfico utilizado nas pesquisas antropológicas é registrado no diário de campo, um instrumento fundamental para a Antropologia. Nele é registrado tudo o que é vivenciado no grupo durante a pesquisa. É a possibilidade de revisitar este material, fazendo aproximações com teorias e trabalhos da Antropologia, que permite ao pesquisador construir sua pesquisa. Estes registros podem estar em muitos formatos; no meu caso, meus registros não aconteceram de forma escrita, pois preferi fazer gravações de áudio após voltar do trabalho de campo. Este procedimento, inicialmente, me pareceu mais fácil, contudo, no decorrer da pesquisa evidenciou-se a dificuldade de sistematização desse material em virtude da grande quantidade de degravações dos registros.

Outro procedimento adotado nesta pesquisa é a etnografia em ambientes virtuais. Apesar de haver questionamentos quanto à pesquisa nestes espaços, com a justificativa de que a inserção no grupo não acontece de forma profunda, não possibilitando então um entendimento real do grupo, no meu caso, ocorreu o contrário, visto que estes espaços ofereceram um material empírico muito rico para a pesquisa e a possibilidade de compreensão das relações sociais na atualidade. Atualmente, a maioria dos projetos sociais também se fazem presentes na internet, isso permite entender como os grupos se apresentam neste ambiente e o que pretendem com isso.

Investigar este espaço de fluxos, que constitui a sociedade da informação (CASTELLS, 2003), é mergulhar num novo espaço antropológico (LEVY, 1999) que, entretanto, é interpenetrado por outros tantos espaços antropológicos, o que dilui as fronteiras e transforma os limites em contingentes pontos de referência. É tentar mapear o que é inapreensível, mas que se manifesta pelas relações sociais que emergem e dão forma às redes sócio-técnicas. Relações estas que compõem a trama de relações sociais que são determinadas e determinantes do que somos e dos rumos que vamos seguir como humanidade. (GUTIERREZ, p 1, 2009).

Sobre uma pesquisa no contexto da pandemia de Covid-19, penso em Roberto Cardoso de Oliveira e em uma de suas grandes contribuições à antropologia brasileira, quando fala que o *métier* do antropólogo encontra-se na tríade do olhar, ouvir e escrever, constituindo, deste modo, o procedimento que dá forma ao conhecimento a respeito das ciências sociais. Segundo Cardoso de Oliveira (1996, p. 28):

Se o Olhar e o Ouvir constituem a nossa "percepção" da realidade focalizada na pesquisa empírica, o Escrever passa a ser parte quase indissociável do nosso "pensamento", uma vez que o ato de escrever é simultâneo ao ato de pensar.

A formação em antropologia no Brasil está ancorada nestes princípios, de tal modo que todos nós, de forma geral, nos guiamos partindo deste entendimento. O olhar e o ouvir são elementares para o/a profissional em antropologia, assim como o processo de escrita - trata-se do nosso *modus operandi*.

Contudo, diante da pandemia de Covid-19, do medo da contaminação por um inimigo invisível a olho nu, que pode estar no familiar mais próximo mesmo este tomando todos os cuidados, é inevitável que a insegurança não se faça presente. Acomete de forma mais peculiar ainda os/as pesquisadores/as cujo trabalho acontece muito próximo fisicamente a coletivos ou mesmo comunidades subalternizadas, onde as precauções sanitárias nem sempre estão disponíveis, como acontece nesta pesquisa devido ao público alvo do projeto NPN. O desafio parece estar posto, pois o olhar e o ouvir estão comprometidos, neste momento onde o distanciamento físico se faz necessário, onde os sentidos se deturpam demasiado em virtude do medo da contaminação e pela insegurança da produção de um trabalho feito à sombra do sentimento de estar infringindo nossas técnicas e princípios éticos. Assim sendo, nada sobra para o escrever. Inicialmente, o ato simultâneo de escrever-pensar dá forma ao horror, se torna uma espécie de autoflagelo, violência incapacitadora. E é aí então que parece o fim. Mas apenas parece.

A antropologia enquanto disciplina já foi de muitas formas, todos nós sabemos como eram produzidos os primeiros trabalhos de cunho antropológico, pelo menos eram como nossos/as antecessores/as os compreendiam, concordemos com seus métodos ou não. Hoje, se apresentássemos em algum congresso de antropologia um trabalho tal qual os produzidos na época da antropologia de

gabinete, certamente seria refutado veementemente, não há dúvidas. Mas a questão não é essa. A questão colocada aqui é que a antropologia não é essencializada, pelo menos esse não deveria ser o entendimento sobre ela. A antropologia é transformação. E isso também não é um convite para deixar de lado o que disse Oliveira (1996), longe disso. É perceber este olhar, ouvir e escrever a partir de uma nova perspectiva, se permitir ser antropólogo/a dentro da realidade possível de cada um e superá-la criando outras realidades, essa é uma das potências da antropologia.

Longe de ser uma tentativa de positivar algo desta pandemia, mas talvez esta seja uma oportunidade de descobertas e revoluções para a Antropologia. Muitos são os métodos de trabalho existentes na disciplina e muitos são os corpos produzindo Antropologia no Brasil neste momento, mas é sabido que nem todos/as são respeitados da mesma forma, alguns não seguem a “rigor” a cartilha tradicional ou os padrões “antropológicos” e “científicos”, há valorações diferentes para os mais diversos tipos de trabalho.

Sobre o universo no qual esta pesquisa está situada preciso destacar que a mesma trata-se de uma etnografia multisituada, pois a relação com o projeto NPN acontece durante as ações do grupo e essas ações não acontecem somente no Sindicato da Alimentação de Pelotas, onde o alimento é preparado, mas também no percurso dos bairros, onde são assistidas as pessoas em situação de rua, ou na Estrada do Engenho onde ocorrem as duas ações junto a famílias que ali habitam. De forma complementar, o trabalho etnográfico se estendeu aos espaços virtuais, como, por exemplo, no WhatsApp e em outras redes sociais, onde ocorrem trocas e sociabilidades, como será detalhado no terceiro capítulo.

A respeito do uso da fotografia neste trabalho, situo a discussão no âmbito da Antropologia Visual. Godolphin (1995) refletindo sobre os usos da fotografia na história da Antropologia, defende que a mesma não pode ser utilizada de forma apenas a ilustrar um texto, sem contextualização. Mais que isso, a fotografia em si carrega uma potência narrativa, que bem articulada, ajuda o leitor a compreender dimensões etnográficas do campo que às vezes a própria escrita não dá conta.

As fotos não só podem ajudar na descrição, como podem de fato reconstituir o “clima” das situações vivenciadas nas cores que elas se apresentavam, criar um ambiente de verossimilhança e, por conseguinte, de persuasão. As imagens não se deveriam limitar a “reviver” um estar lá, mas sedimentar os alicerces do caminho da descrição interpretativa e auxiliar na

articulação das tramas da indução, ajudar na compreensão das interpretações, e não apenas distrair a atenção do leitor entre o folhear das páginas. Nessa perspectiva, a imagem não meramente ilustra o texto, nem o texto apenas explica a imagem, ambos se complementam, concorrem para propiciar uma reflexão sobre os temas em questão. (GODOLPHIN, 1995, p.169)

Em relação às imagens do projeto utilizadas ao longo deste trabalho, todas elas são públicas e retiradas das redes sociais do grupo. Utilizei desta estratégia pelo fato das imagens públicas serem material suficientemente rico e facilitarem o trabalho, visto que nesse caso é dispensável a autorização de imagem. Sobre os *prints*, todos foram retirados dos grupos do WhatsApp do projeto e para preservar a identidade das interlocutoras, decidi ocultar seus nomes dos diálogos, deixando apenas o conteúdo, que é o que realmente importa.

A discussão ética é um ponto muito importante a ser colocado neste trabalho. Levando isso em conta, começarei pela discussão ética em relação à minha participação no projeto, a forma com a qual eu percebia o grupo e a forma com a qual o grupo me percebia. E nesse sentido gostaria de destacar alguns aspectos dessa relação.

O primeiro deles se encontra no fato de que desde o princípio fui acolhido com muito carinho e me senti à vontade no projeto. Penso que parte desse estar à vontade pode ter a ver com a composição do grupo, já que a maior parte dele é composto por mulheres, conforme mencionado anteriormente, e também porque muitas delas são mães, como é o caso das minhas principais interlocutoras. Então, acho que em algum nível a relação que elas estabeleceram comigo se aproximou de um sentimento maternal, até pelo fato de conhecerem minha história e saberem que perdi minha mãe muito novo. Esse acolhimento e troca acabou fortalecendo nosso vínculo.

O fato mencionado anteriormente me leva a outro aspecto importante nessa discussão. Como agenciar a identidade de voluntário/militante com a de pesquisador de um grupo? Acredito que, assim como para mim, para as voluntárias também tenha sido difícil me enxergar enquanto um pesquisador dentro do projeto durante as ações. Mesmo o grupo tendo ciência da minha atuação também enquanto pesquisador, o vínculo estabelecido como voluntário pareceu sempre se sobrepor. E esse talvez tenha sido o maior desafio no desenvolvimento desta pesquisa. O “ser afetado”, como propõe Favret-Saada (2005, p. 159), a ponto de me embaralhar e

confundir com a atuação de voluntário/ativista e pesquisador, ao passo que me perturbou, também me deu acesso a camadas do grupo que eu não teria apenas estando na condição de pesquisador. Quando digo isto, me refiro às pesquisas em que o pesquisador adota uma postura de neutralidade, como se não estivesse implicado no campo e como se toda pesquisa não estivesse localizada. Virgílio (2014, p.48) falando sobre essa relação pesquisador/ativista em sua etnografia junto ao movimento estudantil em Portugal coloca:

Um pesquisador que não se afirme e posicione como uma parte ativa, e presente, do grupo, nestes contextos é facilmente um dos primeiros laços a serem desfeitos pelas partes envolvidas. Uma vez que o “descarte” de parentes e amigos, que em suas palavras: “mais atrapalham do que ajudam, ao serem contra a participação em manifestações”, pelos mais diversos motivos podem ocorrer, o que dirá do antropólogo, que em muitos casos é quase que um alienígena, além de infiltrado e indesejado.

Nesse sentido, penso que minha postura dentro do grupo foi mais do que facilitadora da relação com as demais voluntárias, foi uma troca genuína e necessária para o desenvolvimento deste trabalho.

Por fim, quero falar de um elemento presente nos movimentos sociais que é muito importante de ser colocado de uma perspectiva ética: o conflito. Ele é constitutivo de todas as relações e é um conceito base nas ciências sociais, em especial na Antropologia, sendo fundamental para o entendimento de grupos em uma pesquisa. Sobre o tema, Fernandes (2018, p. 787) afirma:

As sociedades humanas são constituídas por um tecido social descontínuo. Factores de natureza individual e colectiva estão na base desta descontinuidade. Diferentes são os projectos pessoais e diversas as capacidades e possibilidades da sua realização. Nem todos dispõem de idênticas oportunidades e dos meios adequados. A vida humana é feita de muitas contingências, numa infinidade de acasos, contingências que originam formações diversificadas.

Nos movimentos sociais não é diferente. Contudo, para abordar esta temática em um trabalho acadêmico é preciso tomar muito cuidado. Há um compromisso ético entre o pesquisador e os participantes da pesquisa, de forma que o trabalho final não exponha o grupo e gere fissuras nas relações, incômodos que possam reverberar negativamente. Certas questões devem ser tratadas e discutidas apenas entre o grupo, devendo-se respeitar sua esfera particular. Assim sendo, e sabendo da necessidade de também se discutir o conflito, apresento contornos que ajudam a

entender esta dinâmica dentro do Terceiro Setor, partindo da experiência no grupo de pesquisa, e tomando todo o cuidado necessário com a exposição do mesmo.

Dito isso, no capítulo a seguir abordarei a temática da fome apresentando autores e autoras que tratam do tema de modo a contextualizá-lo, bem como o Terceiro Setor, do qual faz parte o projeto social NPN, onde desenvolvi a pesquisa.

## CAPÍTULO II: Fome no Brasil



Tinha arroz, feijão, repolho e linguiça. Quando eu faço quatro pratos penso que sou alguém. Quando vejo meus filhos comendo arroz e feijão, o alimento que não está ao alcance do favelado, fico sorrindo atoa. (Jesus, p. 54, 2019)

### 2.1 Dilema da fome: passado e presente

A citação acima, do livro “Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada” de Carolina Maria de Jesus, publicado em 2019, retrata o Brasil da segunda metade do século XX, mas também poderia ser uma radiografia do Brasil atual. Em outubro de 2021, uma mulher foi presa por furtar R\$ 21,69 em comida de um mercado para se

alimentar e dar de comer aos seus cinco filhos. Ao sair da prisão, Rosângela Sibebe declarou em entrevista à diversos veículos de comunicação<sup>5</sup>:

Meu sonho é ser gente. Eu ainda não sei o que é ser isso, não sei o que é ser mãe, filha, irmã. [...] Eu só estava com fome, queria muito comer um miojo, estava doida para tomar um leite condensado e um refrigerante gelado. Não tenho dinheiro para isso.

Hoje, muitos são os casos envolvendo a fome que repercutem nacionalmente, isso porque é impossível não enxergar a miséria que assola grande parte da população brasileira. Porém, este não é um problema novo no Brasil e as obras sobre o tema ajudam a entendê-lo, conforme apresento neste capítulo.

A vida de Carolina Maria de Jesus oferece um relato muito importante sobre a condição de pobreza e fome do Brasil vividas na pele. Filha de pais analfabetos, estudou só até a segunda série e, apesar do pouco tempo de escola, desenvolveu o gosto pela leitura. Mulher negra, escritora, poetisa e favelada, Carolina descreveu um país a partir de sua experiência de vida, que é tão parecida com a de milhares de brasileiras até hoje. Ela nasce em 1914, em uma comunidade rural de Sacramento, Minas Gerais, e em 1937 muda-se para São Paulo, onde constrói sua própria casa com madeira, lata, papelão e tudo aquilo que retira do lixo. Mãe solo de três filhos, Carolina trabalhou como empregada doméstica e catadora de papel e foi através do papel que passou a descrever a sua realidade e a de milhares de brasileiros vivendo a pobreza. O jornalista Audálio Dantas, durante a produção de uma reportagem sobre a vida na favela, a conheceu e teve contato com seus diários, que, posteriormente, com a ajuda do amigo, tornaria-se livro traduzido em 13 idiomas, vendendo cerca de 100 mil cópias ainda na década de 1960. “Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada”, sua primeira e mais conhecida obra, reúne registros de cadernos retirados do lixo que mostravam o cotidiano na favela do Canindé, antigamente situada na zona norte de São Paulo, refletindo entre tantas coisas o surgimento das primeiras favelas no Brasil.

No livro, Jesus (2019) narra a experiência de quem vive na favela, de quem sente a partir do próprio corpo a realidade dura, de dificuldade de acesso a comida, de fome, miséria, racismo e outras violências, uma denúncia da condição de excluída. Em seus escritos, registros do período da década de 1950, a autora retrata

---

<sup>5</sup> Matéria disponível em:

[http://www.esquerdadiario.com.br/spip.php?page=gacetilla-articulo&id\\_article=49078](http://www.esquerdadiario.com.br/spip.php?page=gacetilla-articulo&id_article=49078). Acesso em 27/05/2022.

e testemunha a demagogia da política brasileira expressa a partir do que ela, uma favelada, e seus equivalentes vivem. A obra respeita a gramática da escritora e é apresentada em formato de diário mesmo, mostrando os registros daquilo que acontece no seu dia a dia. “Escrevo a miséria e a vida infausta dos favelados” (JESUS, 2019, p. 222)

A fome tem protagonismo em seu livro porque ela se faz presente o tempo inteiro. Lidar com a carência de comida para os seus filhos e para si mexe profundamente na sua vida. A privação daquilo que é básico e que deveria estar ao alcance de todos alimenta um sentimento de revolta.

Choveu, esfriou. E o inverno que chega. E no inverno a gente come mais. A Vera começou pedir comida. E eu não tinha. Era a reprise do espetáculo. Eu estava com dois cruzeiros. Pretendia comprar um pouco de farinha para fazer um virado. Fui pedir um pouco de banha a Dona Alice. Ela deu-me a banha e arroz. Era 9 horas da noite quando comemos. E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravidão atual — a fome! (JESUS, 2019, p. 33-34)

Justamente por se tratar de um diário, nos escritos da autora aparecem com muita frequência relatos sobre sua rotina com os seus filhos e sobre os desafios de criá-los e educá-los. Ela, enquanto uma mãe solo, descreve os desafios de sustentar três crianças diante da fome que está sempre à espreita, em um contexto hostil e de violência que é a favela para a autora. Agenciar o tempo de modo que consiga ir para rua catar papel para comprar comida, ao passo que as mantém em segurança, mostra o quanto ela precisava se desdobrar para dar conta dos filhos.

15 DE JULHO DE 1955 - Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos generos alimenticios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar. Eu não tinha um tostão para comprar pão. Então eu lavei 3 litros e troquei com o Arnaldo. Ele ficou com os litros e deu-me pão. Fui receber o dinheiro do papel. Recebi 65 cruzeiros. Comprei 20 de carne. 1 quilo de toucinho e 1 quilo de açúcar e seis cruzeiros de queijo. E o dinheiro acabou-se. [...] Cheguei em casa, fiz o almoço para os dois meninos. Arroz, feijão e carne. E vou sair para catar papel. Deixei as crianças. Recomendei-lhes para brincar no quintal e não sair na rua, porque os péssimos vizinhos que eu tenho não dão socego aos meus filhos. Saí indisposta, com vontade de deitar. Mas, o pobre não repousa. Não tem o privilegio de gosar descanso. (JESUS, 2019, p. 11-12)

Pensando essa questão atualmente, dados do estudo intitulado “Pobreza Infantil Monetária no Brasil – Impactos da pandemia na renda de famílias com

crianças e adolescentes”<sup>6</sup>, realizado pela UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância) e divulgado em março de 2022, mostram que, em comparação aos adultos, as crianças e adolescentes de 0 a 17 anos constituem o grupo mais afetado pela pobreza monetária, pessoas que vivem com menos de U\$5,50 por dia, e pobreza monetária extrema, pessoas que vivem com menos de U\$1,90 por dia, tanto antes quanto durante a pandemia. Até 2020, crianças e adolescentes em situação de pobreza monetária eram 35% - 45% (a depender da faixa etária analisada) e adultos 20%. Na categoria de pobreza monetária extrema os números mostram 12% para crianças e adolescentes, enquanto adultos 6%. Já em 2021, com a pandemia em curso, os números se alteram também em virtude do Auxílio Emergencial, mas o cenário continua o mesmo, onde a pobreza continua afetando de forma mais profunda a infância. Neste período, após algumas quedas, a pobreza monetária infantil voltou a 39,5% e a pobreza monetária infantil extrema a 10%, ambas permanecendo praticamente no mesmo patamar dos anos anteriores. O estudo do UNICEF também faz um recorte de raça e região para fazer sua análise, onde conclui que a pobreza monetária infantil e a pobreza monetária infantil extrema são o dobro entre as crianças não-brancas, desigualdade racial que só é superada pela desigualdade regional.

Nas regiões Norte e Nordeste, a pobreza monetária infantil chega a 60%, enquanto nas regiões Centro-Sul tal proporção é de cerca de 27%. Com relação à pobreza monetária extrema, os percentuais pré-pandemia foram de 23% e 6,5%, respectivamente. (UNICEF, 2022, p.23)

A política também estava presente nos diários de Jesus (2019), pois ela via na imagem dos representantes do povo um desajustamento com a realidade. Candidatos em época de eleições iam até a favela, faziam promessas, abraçavam e beijavam todo mundo, depois de eleitos sumiam. E nenhuma medida era tomada para por fim naquela miséria toda.

Quando um político diz nos seus discursos que está ao lado do povo, que visa incluir-se na política para melhorar as nossas condições de vida pedindo o nosso voto prometendo congelar os preços, já está ciente que abordando este grave problema ele vence nas urnas. Depois divorcia-se do povo. Olha o povo com os olhos semicerrados. Com um orgulho que fere a nossa sensibilidade. ...Quando cheguei do palacio que é a cidade os meus filhos vieram dizer-me que havia encontrado macarrão no lixo. E a comida era pouca, eu fiz um pouco do macarrão com feijão. E o meu filho João José

---

<sup>6</sup> Estudo disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/media/17881/file/pobreza-infantil-monetaria-no-brasil.pdf>. Acesso em 29/05/2022.

disse-me: —Pois é. A senhora disse-me que não ia mais comer as coisas do lixo. Foi a primeira vez que vi a minha palavra falhar. Eu disse: —É que eu tinha fé no Kubstchek. —A senhora tinha fé e agora não tem mais? —Não, meu filho. A democracia está perdendo os seus adeptos. No nosso paiz tudo está enfraquecendo. O dinheiro é fraco. A democracia é fraca e os políticos fraquíssimos. E tudo que está fraco, morre um dia. ...Os políticos sabem que eu sou poetisa. E que o poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido. (JESUS, 2019, p. 42)

Nesse compartilhamento do seu dia a dia, ela mostra o cansaço diante da vida exaustiva que levava, frente a pobreza que a cercava, do racismo que a atravessava, como quando não aceitavam as peças que escrevia pelo fato de ser negra: “Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me: —É pena você ser preta.” (JESUS, 2019, p. 72) Esta passagem que apresenta a problemática do racismo na vida da escritora expressa o quanto este problema, para além de toda violência explícita, também tira a possibilidade de emprego e cria barreiras de ascensão social. Obstáculos que só reforçam o lugar de subalternidade e miséria.

Jesus (2019), através da experiência de mulher negra, favelada, faminta e sonhadora, denuncia as más condições que vivem os brasileiros do seu tempo, que infelizmente ainda reflete o agora. Ela conta sua história e a história de um lugar destinado àqueles que são considerados os restos da sociedade, onde a violência física, moral e social é corriqueira, fazendo parte das trivialidades do dia a dia, conformando e sendo conformada por seus moradores, o quarto de despejo da sociedade brasileira. Narra como quem, por meio da palavra, revela um país de injustiças, ao passo que projeta, mesmo que pareça distante, um mundo onde não precise falar apenas de dor, onde sua humanidade possa ser vivida de forma plena. Faz isso por si mesma, pelos seus filhos e por todos aqueles que têm seus direitos básicos negados. É uma história que mais ninguém além dela e dos que vivem isso na pele pode retratar plenamente.

Baseado nos diários de Carolina, Marco Antonio Gonçalves e Eliska Altmann produzem o filme etnobiográfico *Das Nuvens Pra Baixo*<sup>7</sup>, obra de 2015 que atualiza os escritos da autora para as vivências das “Carolinas da Maré” (3 moradoras da Favela da Maré - Rio de Janeiro), mulheres que através das suas vidas, falas e reflexões revelam camadas da vida na favela, trazendo à tona as continuidades e descontinuidades desse cotidiano favelado, em comparação ao final da década de

<sup>7</sup> Filme disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8GyRhazy7cE&t=28s>. Acesso em 27/05/2022

1950 e começo de 1960, momento retratado em Quarto de Despejo. E nesse movimento, expressa-se o potente vínculo entre a Literatura e a Antropologia, visto que a autobiografia de Carolina oferece ao leitor uma perspectiva sobre as mulheres de sua época, mas não somente isso, pois revela também o retrato do cenário político, econômico e social e as disputas, tensões e valores do contexto ao qual estava implicada, denunciando assim a situação do país. Gonçalves (2014, p. 26-27) sobre o *graphos* e “realismo etnográfico” da autora diz:

Nesse sentido, a reconfiguração de seu *self* a partir do momento em que passa a habitar a favela instaura novos modos de ação e sua escrita é a forma de elaborar a redefinição de suas categorias tradicionais de apreensão do mundo e das relações sociais. Carolina está situada no epicentro de uma grande transformação por que passa a sociedade brasileira nos anos 1950. Seu diário é um testemunho desse processo de urbanização crescente das grandes cidades, das migrações internas, das mudanças dos padrões comportamentais.

## 2.2 Mapa da fome brasileiro

Ao falar sobre a fome no Brasil é preciso referenciar também a obra de outro personagem fundamental na história do tema e contemporâneo de Carolina Maria de Jesus. Durante a Ditadura Militar iniciada em 1964, os estudos sobre a fome foram censurados<sup>8</sup>, contudo, isso não impediu que Josué de Castro, médico, cientista social, ativista do combate à fome indicado ao Prêmio Nobel de Medicina em 1954 e Nobel da Paz em 1963 e 1970, se debruçasse sobre o tema, fato que o tornou referência para a área. Na obra “Geografia da fome, o dilema brasileiro: pão ou aço” (1984), o autor propõe analisar a temática a partir de seu campo, que é o Brasil, mas de forma a pensar o fenômeno mundialmente. No imaginário popular da época, a fome era restrita apenas à Europa atingida pela Primeira Guerra Mundial e ao Oriente em virtude de sua superpopulação.

Em Geografia da Fome, o objetivo do autor é demonstrar, em diferentes coletivos humanos, como a fome se manifesta, analisando o fenômeno de forma coletiva e o dividindo em duas categorias. A primeira sendo a fome total, a mais grave e violenta. Ela seria qualificada pela não ingestão mínima de alimentos

---

<sup>8</sup> Ver <https://www.youtube.com/watch?v=0TXYg75292E>. Acesso em 29/05/2022.

fundamentais para a manutenção da vida, na sua dimensão fisiológica/biológica. E a segunda seria a fome parcial ou fome oculta, caracterizando-se pela falta recorrente de alimentos nutritivos e fundamentais para a saúde e qualidade alimentar. Nesta última categoria, apesar de os grupos terem o que comer diariamente, vigora a pobreza nutricional, configurando-se assim um estado permanente de deixar morrer. Desse modo, o estudo se debruça sobre as diversas dimensões da fome, enquanto um fenômeno local e também mundial. Também cabe ressaltar outro importante apontamento de Castro (1984, p. 28) sobre o momento pelo qual o mundo passava e que se parece muito com os dias atuais.

Aparecendo na aurora dessa nova era social, onde a tenebrosa noite do fascismo ainda projeta as suas sombras, este livro pretende ser um documentário científico desta tragédia biológica, na qual inúmeros grupos humanos morreram e continuam morrendo de fome, ao finalizar-se esta escabrosa era do homem econômico.

O autor desenvolve o Mapa da Fome organizando o Brasil em cinco regiões e as qualifica a partir de suas carências alimentares, ficando deste modo: área de fome endêmica, onde há um regime permanente de subalimentação e carência; áreas de epidemias de fome, onde há surtos agudos de fome periodicamente; e áreas de subnutrição, onde, apesar de não sofrerem pela escassez, ainda sim constituem um regime alimentar impróprio e deficiente, sob o aspecto nutritivo. Já as regiões ficam divididas assim: região amazônica, nordeste açucareiro, sertão nordestino, centro-oeste e extremo sul. Além disso, o autor mostra a cultura alimentar das regiões em virtude da predominância dos alimentos básicos de cada área.

A região amazônica, entendida entre o norte montanhoso das Guianas indo em direção ao sul e chegando ao semiárido nordestino, é qualificada como uma área de fome endêmica. O autor começa apontando o primeiro problema geográfico da região, sendo ele a distribuição populacional, chamada de população homeopática, onde habitam pequenos grupos de pessoas muito separados uns dos outros, se perdendo diante da imensidão da floresta. Essa descentralização dificultaria a domesticação da terra, processo que aconteceu em zonas muito limitadas com a mandioca, transformando sua farinha na alimentação básica amazônica, acompanhada do milho, do arroz e do feijão, sendo estes processos qualificados como rudimentares. Os alimentos e seus preparos têm muita influência das culturas

indígenas da região e há a predominância de mingaus, farofas, beiju e bebidas fermentadas. Portanto, apesar de ser uma região de grande diversidade, a alimentação seria pobre nutricionalmente.

O nordeste açucareiro, abrangido pelo litoral nordestino entre os Estado do Ceará e a Bahia, também se enquadraria em uma região de fome endêmica e assim como a região amazônica, a alimentação ficava em torno da farinha de mandioca, mas isto por motivos muito diferentes. O nordeste açucareiro tinha um solo muito rico, coberto por uma terra escura e por sais minerais, havia abundância de chuvas, combinações que a tornavam demasiadamente fértil. Acontece que a região sofreu com os impactos da colonização portuguesa, que escravizou sua população e implementou a monocultura de cana de açúcar, desse modo, enfraquecendo o solo e sacrificando toda e qualquer possibilidade de cultivo de frutas, legumes, verduras, cereais entre outros. Assim sendo, foi a ação humana, ou melhor, a ação de grandes latifundiários, que empobreceu a terra e também a população da região, visto que a riqueza ficava concentrada nos chamados senhores do engenho.

Diferente dos anteriores, o sertão nordestino, compreendido pelos Estados da Bahia, Sergipe, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Piauí, Ceará e Rio Grande do Norte, configura-se como uma região de epidemias de fome. Em virtude das secas, essa tipificação se apresentaria de forma global na região, afetando todas as pessoas, dos mais abastados aos mais pobres, dos mais jovens aos mais velhos, levando a inanição aguda, desnutrição extrema e superando os limites toleráveis pelo corpo. O milho é o alimento base da região e, na contramão de outros lugares do mundo que também o tem como base da dieta, a forma como a população vive e seus hábitos tradicionais compensam os déficits proteicos e de vitamina do cereal complementando a dieta com outros alimentos, mas isto em momentos de fartura.

O centro-oeste, delimitado pelo sertão do sul de Goiás, as regiões montanhosas de Minas Gerais e os pantanais do Mato Grosso, se constitui enquanto uma região onde a fome se apresenta de outra perspectiva, não pela falta de alimentos, mas sim pela dieta desequilibrada condicionando-a à subnutrição. A região é a área central do milho, seu alimento base, sendo responsável por 25% da produção no país, à época. O cereal serve de alimento também aos porcos, que, além de serem grande fonte de proteína, possuem alto valor econômico, visto que os rebanhos são exportados. Mas para além disto, a região possui forte criação de gado e um variado cultivo de feijão, arroz, café e cana de açúcar. Contudo, o que

eleva o centro-oeste a situação de subnutrição é o desequilíbrio alimentar, o que conseqüentemente acarreta em doenças.

E, por último, o extremo sul, situado entre os Estado do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e à época o então Estado da Guanabara, estas regiões também são compreendidas como uma área de subnutrição. Além de possuir o maior desenvolvimento agrícola e industrial do país, o que garantia cerca de 40% da produção de alimentos do Brasil e assim tornando a economia da região sólida, essa área também se beneficiava com a chegada dos imigrantes japoneses, poloneses, italianos, alemães e lituanos que encontram solo e condições climáticas favoráveis para o plantio. Essa diversidade étnica e cultural impacta de forma positiva a cultura alimentar da região em termos nutricionais, visto que abre uma gama de fontes alimentares. Contudo, apesar dos recursos serem muitos, as classes proletárias ainda assim encontram dificuldade de acessar alguns deles, o que o autor coloca como carência nutricional parcial e restrita das classes sociais mais baixas.

O Mapa da Fome aponta as razões pelas quais o Brasil, apesar dos grandes avanços em diferentes áreas, permanece com a triste realidade da fome, nas suas mais diversas dimensões. O fenômeno da fome é consequência das desigualdades que historicamente assolam o país, transformando-o em um país subdesenvolvido economicamente, sendo ambas faces da mesma moeda: fome e subdesenvolvimento. Castro (1984) permite pensar o quanto a lógica colonialista de exploração da terra, do povo e que escraviza pessoas, perdura até os dias atuais, se atualizando através de novas roupagens de exploração da classe proletária. Essa dominação econômica e política voltada para o mercado e os interesses privados, aprisiona os recursos concentrando riqueza nas mãos de poucos e produzindo desigualdades. Os alimentos produzidos pelos grandes latifundiários do agronegócio acabam virando commodities que são exportadas para outros países, dessa forma, o que poderia alimentar a população se torna apenas uma mercadoria.

A fome no Brasil, que perdura, apesar dos enormes progressos alcançados em vários setores de nossas atividades, é conseqüência, antes de tudo, de seu passado histórico, com os seus grupos humanos, sempre em luta e quase nunca em harmonia com os quadros naturais. Luta, em certos casos, provocada e por culpa, portanto, da agressividade do meio, que iniciou abertamente as hostilidades, mas, quase sempre, por inabilidade do elemento colonizador, indiferente a tudo que não significasse vantagem direta e imediata para os seus planos de aventura mercantil. [...] Em última análise, esta situação de desajustamento econômico e social foi

conseqüência da inaptidão do Estado Político para servir de poder equilibrante entre os interesses privados e o interesse coletivo. Ou mesmo pior, entre os interesses nacionais e os dos monopólios estrangeiros interessados em nossa exploração de tipo colonial. [...] Orientada a princípio pelos colonizadores europeus e depois pelo capital estrangeiro expandiu-se no país uma agricultura extensiva de produtos exportáveis ao invés de uma agricultura intensiva de subsistência, capaz de matar a fome do nosso povo. (CASTRO, 1984, p. 267 - 268)

### 2.3 De alimento à *commodity*

Em 2021, a Associação Brasileira de Reforma Agrária (Abra) em parceria com a fundação Friedrich-Ebert-Stiftung (FES Brasil) divulgou o estudo intitulado “O Agro não é tech, o Agro não é pop e muito menos tudo”<sup>9</sup>, realizado por Marco Antonio Mitidiero Junior e Yamila Goldfarb, onde mostra os impactos do agronegócio no meio ambiente e, sobretudo, sua contribuição para o crescimento da fome no Brasil. Através de grandes campanhas publicitárias veiculadas na segunda maior emissora de televisão do mundo, a Rede Globo, com o forte apoio e atuação da bancada ruralista, o agronegócio difunde a ideia de ser o setor mais importante e lucrativo para a economia brasileira. De modo a positivar sua imagem, o sufixo “negócio” é tirado de cena, se reduzindo apenas ao prefixo “agro”, que associa seu slogan a termos como “tech”, “pop” e totalizantes como “tudo”, assim, cultiva no imaginário popular uma ideia de futuro, progresso e sustentabilidade, o que definitivamente não é o caso. (ABRA; FES BRASIL, 2021)

Importante destacar que o conceito de agronegócio utilizado no estudo compreende toda cadeia produtiva agrícola e pecuária.

o agronegócio é um modelo de produção e gestão resultante da associação do capital agroindustrial nacional e internacional com a grande propriedade fundiária. Dessa associação, acarretam o envolvimento cada vez maior do capital bancário e financeiro, da ciência, da tecnologia e da informação na apropriação das terras e na imposição e consolidação de um tipo de uso da terra e um tipo de produção alimentar, com uma série de impactos sociais e ambientais. (ABRA; FES BRASIL, 2021, p. 5)

A estratégia adotada pelo agronegócio brasileiro é se utilizar de dados da balança comercial que, analisados de forma superficial, mostram a participação

---

<sup>9</sup> Disponível em: <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/18319-20211027.pdf>. Acesso em 29/05/2022.

positiva do setor para a economia brasileira, essa contribuição se dá através do alto número nas exportações realizadas pelo país.

De fato, apesar das fortes quedas dos últimos anos, o Brasil segue sendo um grande exportador, contudo, as exportações brasileiras estão baseadas em matérias primas brutas como, por exemplo, os minérios, o petróleo, a carne, a soja e o milho, “mercadorias” também conhecidas como commodities. Num primeiro momento, parece óbvio que, pelo motivo citado anteriormente, seríamos um país autossuficiente. Acontece que, em virtude de não possuir uma indústria forte, muitas destas matérias primas vão para outros países exportadas a preços baixos, devido a grande quantidade comprada, e posteriormente retornam para o Brasil já industrializadas e mais caras, devido ao valor agregado no processo de industrialização. (ABRA; FES BRASIL, 2021) Mas este não é o único fator nem explicação para o problema, porque muitas vezes parte desses alimentos é estocada em silos por longos períodos à espera de um momento de valorização de mercado para aumentar as margens de lucro dos produtores.

A falácia do superávit econômico, alcançado pelo resultado superior da exportação sobre a importação na balança comercial, para além de mascarar os processos de enfraquecimento da indústria brasileira, também camufla a responsabilidade do agronegócio nas altas taxas de desemprego no Brasil, ao passo que a matéria prima que poderia ser trabalhada aqui acaba gerando empregos nos outros países. Como exemplo da desindustrialização temos a gasolina, que é um derivado do petróleo, onde a matéria prima bruta sai do Brasil, passa pelas refinarias estrangeiras e volta com preços muito superiores devido a manufatura da elaboração dos mesmos. Para piorar a conjuntura, a instabilidade econômica e política que o Brasil se encontra faz com que o real seja desvalorizado frente ao dólar, moeda referência no câmbio dos produtos industrializados, agravando assim ainda mais a situação do país.

Em conclusão, qualquer discurso que aponte o objetivo da política nacional de crédito com foco na alimentação do povo brasileiro não se sustenta. Há um privilégio escancarado nas culturas de exportação que, de tempos em tempos, faz faltar comida no mercado interno e/ou proporciona a elevação dos preços dos alimentos para a classe trabalhadora. Essa conclusão ganha contorno dramático quando reconhecemos que o campesinato (denominado de agricultura familiar pelo agronegócio e governo), produz boa parte dos alimentos que chegam às mesas, mas possui menos terras e recebe muitos menos créditos. [...] E, porteira afora, fez com que as instituições de financiamento oferecessem mais recursos a agricultores ou

regiões com maior potencial produtivo, o que quer dizer, na verdade, concessão de recursos para a produção de commodities. (ABRA; FES BRASIL, 2021, p. 16)

Além disso, também se apresenta como problemática, talvez caracterizando-se como a central nos debates atuais principalmente devido à crise alargada pela pandemia, o fato do modelo econômico brasileiro ter como princípio a taxaço sobre o consumo, ao passo que isenta de impostos as grandes fortunas e os grandes produtores. Um modelo de taxaço regressivo: quanto mais se tem, menos se paga. O setor do agronegócio, por exemplo, é isento de vários impostos. A Lei Kandir, aprovada em 1996 por Fernando Henrique Cardoso, com a justificativa de fomentar as exportações e atrair investimentos para o país, isentou os grandes produtores rurais do Imposto sobre Circulaço de Mercadorias ou Serviços (ICMS), um imposto estadual que posteriormente é dividido entre estado e município e revertido em investimentos em saúde, educaço e segurança. Tais comportamentos corroem a máquina pública de modo a beneficiar os grandes produtores em detrimento dos pequenos agricultores. Setores do agronegócio como a Bancada Ruralista (também conhecida como Bancada do Boi) se articulam na política nacional formando organizaçoes que chegam ao poder e passam a ditar as regras do jogo, beneficiando a esfera privada e aumentando seus lucros.

Na contramão dessa corrente ideológica que coloca o lucro de poucos acima de uma sustentabilidade real de respeito à terra e à justiça social, é importante lembrar do trabalho desenvolvido pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). O movimento de ativismo político e social surge nos anos 80 lutando pela redistribuiço das terras improdutivas, em antítese e resistêcia ao modelo de reforma agrária desenvolvido no Brasil dos anos 70 pela ditadura militar. À época, as chamadas terras devolutas, ou seja, terras públicas improdutivas ou sem uso pelo Poder Público, foram destinadas a pessoas simpáticas ao regime militar e membros da elite econômica com a justificativa de investimento na mecanizaço e modernizaço do setor agrícola, o que na verdade só aconteceu através de programas públicos de desenvolvimento agrícola. Estas ações resultaram em um processo de eliminaço dos pequenos e médios produtores rurais, o que culminou em um enorme êxodo rural. A populaço camponesa migrou para os espaços urbanos em busca de emprego, o que não aconteceu, gerando uma extensa populaço desempregada ou subempregada. Diante da má gestão do governo

militar, o Brasil afundou-se em dívidas, gerando uma crise econômica e fazendo com que a década de 1980 ficasse conhecida como a década perdida.

Em novembro de 2021, após um evento em São Paulo organizado pelo MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto), um movimento urbano inspirado e criado com a ajuda do MST, grupos de extrema direita movimentaram as redes sociais criticando o fato de, no evento, estarem servindo acarajé com camarão, um fruto do mar muito valorizado e com preço elevado, dependendo da região do país. Provocados por uma publicação<sup>10</sup> do Deputado Federal Eduardo Bolsonaro, também filho do presidente da república Jair Bolsonaro, esses grupos atacaram o evento desqualificando o MTST com a justificativa de que distribuir um alimento tão caro era incompatível e incoerente com o movimento, dizendo que o mesmo se comportava como a elite burguesa que tanto criticava e que portanto o movimento era uma farsa. Em resposta, o MTST organizou um novo almoço distribuindo quentinhas com camarão na Ocupação Carolina Maria de Jesus, em São Paulo. Nas redes sociais, o movimento legendou a ação com "Menos osso, mais camarão"<sup>11</sup>, uma alusão às diversas reportagens que vêm sendo veiculadas na imprensa e que mostram que a população brasileira passou a comprar, ao invés de carne, ossos para a formulação de caldos, isso tudo em virtude da alta nos preços dos alimentos. Uma das organizadoras do evento em entrevista ao portal de notícias G1<sup>12</sup> disse o seguinte:

Nunca imaginei que o filho do presidente da República não conhecesse o prato mais popular dos pobres e pretos da Bahia. Em Salvador, o acarajé é vendido em qualquer esquina, como o cachorro quente e o pastel de feira em São Paulo. [...] Gostaria que a família do presidente tivesse se manifestado com tanta raiva quando as notícias de gente procurando osso ou comida em caminhão de lixo apareceram. Mas parece que o que incomoda o grupo dele é pobre comendo bem, não passando fome. (Beatriz de Souza Alves, G1, 2021)

Este episódio é muito significativo, pois demonstra não só a postura da família à frente da presidência da república, mas também o papel desempenhado pelos movimentos sociais como o MTST e o MST. Apesar da produção do MST não ser

---

<sup>10</sup> Matéria disponível em:

<https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/11/4963001-eduardo-bolsonaro-critica-moura-por-comer-camarao-no-mtst-alimento-foi-doado.html>. Acesso em 27/05/2022.

<sup>11</sup> Disponível em:

[https://x.facebook.com/mtstbrasil/photos/a.466755456696124/4698424043529223/?type=3&\\_entst\\_iam\\_source=timeline](https://x.facebook.com/mtstbrasil/photos/a.466755456696124/4698424043529223/?type=3&_entst_iam_source=timeline). Acesso em 27/05/2022.

<sup>12</sup> Matéria disponível em:

<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/11/21/apos-polemica-mtst-faz-almoco-com-camaroes-para-centenas-de-moradores-de-ocupacao-na-zona-leste-de-sp.ghtml>. Acesso em: 27/05/2022.

100% orgânica, o projeto produtivo e político do movimento é nesse sentido, valorizando a agroecologia, a agricultura familiar e guiado por um processo produtivo responsável, livre de veneno. Nos assentamentos do MST são produzidos leite, carne, mandioca, cana-de-açúcar, café, cacau, sementes, grãos e o arroz, alimento que tornou o MST o maior produtor de arroz orgânico da América Latina. Além de ser responsável por grande parte da produção orgânica do país, o movimento desempenha um papel social fundamental para a segurança alimentar das famílias brasileiras. Desde o início da pandemia, o MST doou mais de seis mil toneladas de alimentos e distribuiu aproximadamente 1.150.000 refeições para famílias e pessoas em situação de fome e insegurança alimentar das grandes regiões do Brasil.

#### **2.4 Múltiplas dimensões da fome**

Na esteira dos trabalhos acadêmicos que tratam sobre a fome no Brasil também é preciso destacar a obra de Maria do Carmo Soares de Freitas. Nutricionista com doutorado em saúde pública, a autora desenvolve trabalhos na área da nutrição social e da etnonutrição. Através da abordagem fenomenológica, Freitas (2003) traz à tona narrativas e personagens de um Brasil que perversamente produz sujeitos famintos, nas suas mais distintas dimensões, onde a miséria é parte do cotidiano e, em certo ponto, responsabilidade nossa, visto que é resultante de más escolhas políticas, portanto depende de nós escolhermos representantes comprometidos com o combate deste problema.

Freitas (2003 [1998]) desenvolve a pesquisa que deu origem ao livro *Agonia da Fome*, no Péla, bairro popular de Salvador, capital da Bahia. Ela objetiva interpretar a fome crônica a partir dos famintos, da relação dessas pessoas diante da escassez de recursos. Escassez que afeta o corpo, na sua dimensão biológica/fisiológica, como também no espírito, na reprodução e construção de símbolos, na linguagem, nas relações sociais e na integração com o meio, partindo da experimentação desses corpos no cenário de privação. Desse modo, o fenômeno não se manifesta só a partir do corpo dos famintos. Ele surge também como uma entidade que ronda o bairro e as casas das moradoras do Péla. Trata-se de um

contexto famélico que cerca a região, conformando a vida dessas pessoas e a forma com as quais elas se relacionam.

Para entender as percepções sobre a fome, a autora propõe inicialmente contrapor a definição deste conceito para a biomedicina e a fome sentida pelas moradoras do Péla. As moradoras representadas no livro relatam a sensação de vazio, mas avançam no sentido de transcender a sensação física, demonstrando que a linguagem médica/científica não traduz essa manifestação. Configurando-se como “uma doença *natural* da pobreza”. (p. 128) Os indivíduos se constroem dentro de um modo de vida atrofico, onde há um histórico de carência alimentar que o constitui enquanto sujeito no mundo. Assim, “em sua memória se encontra o registro inevitável da experiência do sofrimento de fome, a ser transformado em sentidos que se apóiam numa cultura de fome.” (FREITAS, 2003, p. 129)

A descrição dos sentidos da fome para os famintos do Péla acontece a partir da análise de algumas unidades familiares. Tendo como ponto de partida a biografia das moradoras, a autora chega às descrições do fenômeno para cada uma dessas famílias e assim, a partir dessas definições, interpreta o conceito de fome que é sentida pelas moradoras do bairro.

Val, que possui cinco filhos, dos quais três têm envolvimento com o tráfico de drogas, entende a fome assim como o crack pois é um vício que acaba com a pessoa e a submete a qualquer coisa para se saciar. Para Renilda, a fome é tudo, está na falta de emprego, de salário, de escola, de amor e de comida, sendo esta a pior que existe, pois acaba com a vida aos poucos, a pessoa vai definhando, o corpo vai sendo comido de dentro pra fora, começando pelos ossos e chegando a carne, é como uma peste. Elza descreve a fome como uma entidade das trevas, a morte, o beco-sem-saída, uma criatura que quer cooptar o corpo e se apresenta a partir da sensação de dor no peito. Já para Bernadete, que tem no candomblé sua manifestação religiosa e é denominada como vidente pelos vizinhos, a fome também trata-se de um espírito, uma entidade que quer tomar o corpo dos que não tem um espírito forte, por isso seu nome nunca deve ser evocado. Para Tieta, também adepta do candomblé, o faminto está nessa posição por ordem de Deus, é como um carma que a pessoa precisa passar para se purificar. Não se refere ao fenômeno pelo nome, mas sim como uma fera com garras, rabo, chifres e asas à procura de espíritos fracos e invejosos. (FREITAS, 2003)

A fome pode ter diversas representações, a depender do caso a ser analisado, contudo, é recorrente a descrição dela enquanto algo que se apossa de corpos fracos, ou melhor, espíritos fracos. Para isso, e sobre os relatos das interlocutoras, Freitas (2003, p. 166-167) coloca o seguinte:

De modo singular e diferenciado, para cada sujeito, a coisa-fome toma muitas formas, como vemos a seguir, com imagens que encarnam para esmorecer e derrubar quem a sente. [...] Trata-se de mediar os elementos que são mais significativos aos sentidos, na instância do simbólico, e conectá-los com a realidade. Gastura, raiva e medo da fome refletem os sentidos interiores do corpo, conectados aos exteriores, às condições materiais concretas. A dificuldade específica de acesso ao alimento associa-se a outros sentidos, que fazem ressonância com as representações da fome. Uma informante ao falar de seu corpo vazio, ou em gastura, encontra-se debruçada na pia junto à panela vazia sobre o fogão, os filhos estão sem trabalho e, nessa manhã, ela pretende buscar alimentos no chão do mercado.

Assim, essa criatura chega ao indivíduo e se espalha para além do seu corpo, passa a fazer parte da linguagem, da materialidade, emaranhando-se em outros sentidos, de modo a reverberar nas diversas dimensões da vida. Como exemplo desse pareamento e atravessamento de sentidos, pode se pensar o relato de uma das participantes da pesquisa onde em dado momento ela revela que, apesar de não haver mais porcos no Péla<sup>13</sup>, é assim que as moradoras se sentem, pois vivem em meio a ruas imundas, esgoto e lixo.

Para interpretar os sentidos da fome e delimitar a abrangência da pesquisa, a autora usa como referência a dimensão espacial e temporal, vislumbrando a identificação dos sentidos do fenômeno para os famintos, visto que eles conformam e são conformados pelos moradores do Péla, demonstrando assim a rede de significados daquilo que é experienciado.

A dimensão espacial é o lugar da vivência de fome dentro e fora do corpo, na casa e no bairro. O espaço geográfico define o imaginado e o real concreto, ambos colados no corporal e a servirem de veículos de expressões de fome. São os sentidos situacionados e relacionados ao contexto social e reproduzidos como tecidos vivos da sociedade. Contexto refere-se a duas qualidades: o situacional ou particular das unidades domésticas e do bairro, e o social que designa as questões da sociedade. [...] Cabem nesses espaços, em que ambulam o corpo e a memória, as histórias de vida, as metáforas geradas dos sentimentos de privação, em conexão com o desemprego, a violência, as doenças de fome, as crenças e a ação, propriamente dita, para um que fazer. A temporalidade se refere ao fenômeno da fome em correspondência com o passado e o presente. E o tempo da noite, onde a fome é mais ameaçadora, é conotado como a espera do mal. Nessas conjunções temporais, o sujeito pensa sua ação a

<sup>13</sup> O nome "Péla" faz referência aos porcos que eram pelados no bairro, processo de raspagem dos pelos dos animais para venda da carne.

partir da pré-compreensão que ele faz de seu mundo, seu íntimo, seu corpo. O agir se torna então, habitual a partir dessa pré-concepção, uma quase-história que clama ser contada, abrindo-se para a compreensão da experiência, da realidade e da significação de sua fome. (FREITAS, 2003, 162-163)

A fome configura-se como um fenômeno que não tem expressão apenas no corpo biológico dos famintos. Trata-se de um fenômeno que está presente na forma como as pessoas se relacionam, como interpretam o mundo, como enxergam a si e os outros, como atuam e operam, agindo no campo do simbólico, da materialidade, desta forma, constituindo uma produção sociocultural. O fenômeno, portanto, não é algo dado, mas sim uma espécie de genocídio perverso, que acontece através de um projeto de exclusão, de dominação política e econômica.

Nesse sentido, tanto para Castro (1984) quanto para Freitas (2003), a fome é um produto da ação humana, mais especificamente das decisões políticas tomadas pelos nossos representantes. Assim, o Estado vem sendo responsável pela miséria que assola grande parte da população brasileira. À vista disso, no início dos anos 2000, um conjunto de Políticas Públicas foram instituídas pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva e o Partido dos Trabalhadores, como foi o caso do Fome Zero, um programa desenvolvido em 2003 e que teve seu objetivo alcançado em 2014, levando o Brasil a sair do Mapa da Fome da ONU<sup>14</sup>. Esse programa de transferência de renda, que foi intitulado Programa Bolsa Família, unificou outras iniciativas como o Bolsa Escola, o Bolsa Alimentação, o Cartão Alimentação o Vale-Gás, além disso, foram integrados outros programas como o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), Programa de Aquisição de Alimentos da Agricultura Familiar (PAA), Restaurantes Populares, Programa de Construção de Cisternas e Centros de Referência de Assistência Social (CRAS), com o objetivo de construir uma Política Pública voltada para a erradicação da fome no Brasil, agindo em todas as instâncias do Estado, tanto a nível municipal, quanto estadual e federal (EGER, 2013). Essas iniciativas foram tomadas em consonância e a partir de construções coletivas junto aos movimentos sociais e organizações do Terceiro Setor que já atuavam no combate à pobreza e à insegurança alimentar no Brasil, conforme aponta Aranha (2010) em “Fome Zero: A Construção de uma Estratégia de Combate à Fome no Brasil”, figurando-se como um movimento que para além de combater a miséria

---

<sup>14</sup> The State of Food Insecurity in the World (SOFI) 2014: <https://www.fao.org/3/i4030e/i4030e.pdf>. Acesso em: 04/06/2022.

também estimulou a participação popular e fortaleceu a cidadania. Portanto, a seguir situo o Terceiro Setor como preâmbulo do capítulo seguinte.

## **2.5 O Terceiro Setor e suas contribuições**

A expressão “Terceiro Setor” se refere a organizações sociais autônomas e sem fins lucrativos, também conhecidas popularmente no Brasil como “sociedade civil”, que não se enquadram no primeiro e segundo setor, sendo esses o Estado e o setor empresarial ou privado, respectivamente. Mundialmente, muitos são os nomes para designar estas organizações, como por exemplo ONGs (Organizações Não Governamentais), filantropia e caridade, sendo este último a nomenclatura mais próxima do conceito na sua origem. Na Europa medieval, em um cenário de pauperização da população, crises econômicas, fome e peste bubônica, a Igreja Católica adotou posturas diferentes perante os pobres. Inicialmente desenvolveu um trabalho de positivação do status de pobreza.

Na Idade Média (...), a Igreja Católica exerceu um papel fundamental sobre a representação social do pobre, atribuindo-lhe um status positivo. O mendigo era sagrado e necessário: dando-lhe a esmola, extinguiu-se o pecado. A humildade, a peregrinação e a mendicância em benefício dos desafortunados chegaram mesmo a ser estimulada pela Igreja como um meio redentor e santificante, tendo se tornando, a exemplo dos franciscanos, opção de vida de muitos monges. (MAGNI, 2006, p. 12)

Ainda segundo a autora, chegado o fim da Idade Média criaram-se os fundamentos que norteariam as políticas para os pobres, sobretudo, para os considerados verdadeiramente pobres, pois se estabeleceu uma diferenciação na mendicância: de um lado, os inválidos, velhos e doentes, dignos da mendicância; de outro, os válidos, falsos mendigos, sujeitos empobrecidos, mas capazes de trabalhar (embora o trabalho fosse extremamente escasso), portanto, não sendo dignos de caridade segundo a fronteira moral que se impunha.

Os Hospitais Gerais, a cargo dos religiosos, responsáveis pelo cuidado com os doentes, desamparados e inválidos, eram instituições geridas exclusivamente pela Igreja, sendo um reduto em que se misturavam todos os tipos de desafortunados. Em decorrência da alta demanda, entraram em crise econômica, o

que fez com que passassem então a contar com a ajuda dos Estados Nacionais, em processo de consolidação a partir da Idade Moderna. Essa união, somada à ascensão da filosofia humanista, deu início a um processo de laicização tanto da área assistencialista quanto dos hospitais, que mesmo assim não deixaram de prestar atendimentos espirituais. (MOLLAT, 1989 *apud* MAGNI, 2006, p. 15)

Visando o desenvolvimento destes trabalhos, em Portugal, no século XV foram criadas as Santas Casas de Misericórdia.

A primeira irmandade da Misericórdia foi fundada em 1498 na cidade de Lisboa. Era uma irmandade de católicos leigos destinada à prática da caridade, tipo de associação comum na Europa neste período. Uma das especificidades desta irmandade em relação às demais associações assim denominadas no mundo lusófono era sua ligação direta com o Rei e não com a Igreja, a sua composição por membros das elites locais, e a ajuda material distribuída principalmente a terceiros. A sua disseminação, com o apoio régio, não ocorreu apenas em Portugal, mas também em todas as regiões de colonização portuguesa na África, América, Ásia, Ilhas Atlânticas e parece que até mesmo em Buenos Aires na metade do século XVII. (TOMASCHEWSKI, 2007, p. 17 - 18)

No Brasil, os setores de assistência social ou caridade se estabeleceram a partir destas Santas Casas de Misericórdia com a chegada da colonização do Império Português. Estas instituições desenvolveram um trabalho muito importante no país e muitas foram suas áreas de atuação.

Dentre as atividades assistenciais exercidas estão: a administração de hospitais gerais, muitos dos quais serviram também como clínica para as escolas de medicina; hospícios para loucos (a partir do século XIX); asilos e recolhimentos para mulheres e crianças abandonadas; concessão de dotes; auxílio financeiro aos pobres; representação dos condenados perante a justiça, alimentação e vestuário de presos pobres; administração de cemitérios e realização de enterramentos; além do serviço religioso, voltado aos assistidos, e principalmente às almas dos irmãos benfeitores. (TOMASCHEWSKI, 2007, p. 29)

E, deste modo, mesmo após a independência do Brasil<sup>15</sup> em virtude da cisão com a coroa portuguesa, estas instituições mantiveram seus trabalhos.

É importante destacar que no século XVIII, com o surgimento das associações patronais e dos sindicatos de trabalhadores, que posteriormente dariam origem a partidos políticos, essas organizações passaram a integrar o Terceiro Setor de forma a se relacionar com o Estado e a Igreja, até mesmo adquirindo suas

---

<sup>15</sup> Há de se considerar aqui que o Brasil foi um país escravocrata e sofre até hoje as mazelas deste período, que não foi solucionado com a “abolição”, a mendicância surgiu também como um reflexo dos desamparados. Ver Lemões (2017) “De Vidas Infames À Máquina De Guerra: Etnografia De Uma Luta Por Direitos”.

características na atuação: “participação massiva e politizada e uma hierarquia centralizadora e controladora” (ALBUQUERQUE, 2006, p. 22)

A contribuição do Terceiro Setor para o mundo é evidente desde sua origem, contudo, são nos momentos de crises políticas, sociais e econômicas que tais organizações ganham destaque e se mostram extremamente importantes. Isso se comprova quando pensamos a Primeira e Segunda Guerra Mundial e, posteriormente, as ditaduras que devastaram a América Latina na segunda metade do século XX.

Nos anos 1970, sobretudo na América Latina, as organizações da sociedade civil surgiram com expressivo caráter político, atuando fortemente na redemocratização dos países, com ações voltadas para uma política social de desenvolvimento comunitário e para execução de atividades de assistência e serviços nos campos de consumo, educação de base e saúde, entre outros. Na década de 1980, a conjuntura latino-americana alterou-se significativamente. A maioria dos países restabeleceu um regime democrático, vivendo fortes crises econômicas e altos índices inflacionários. Os governos passaram a adotar uma política neoliberal de desenvolvimento, o que agravou a situação de pobreza nos países do Terceiro Mundo. Paralelamente, ocorreu o crescimento do setor informal da economia e aumentou o descrédito do Banco Mundial e das instituições internacionais quanto ao destino dado pelos órgãos governamentais aos recursos alocados em programas de desenvolvimento social. (ALBUQUERQUE, 2006, p. 23)

Atualmente, diante das crises do sistema capitalista, da forte onda conservadora de governos com agendas econômicas neoliberais, da ascensão de governos autoritários e nazifascistas, dos ataques ao meio ambiente que produzem a crise climática, da pandemia de coronavírus que matou milhões de pessoas no mundo e deixou outras milhares com sequelas, da retirada de direitos sociais básicos e, sobretudo, do empobrecimento da população em virtude deste contexto, o Terceiro Setor se mostra fundamental. Assim sendo, mais do que nunca, trabalhos sobre esta temática são necessários para o entendimento destes fenômenos sociais.

## CAPÍTULO III: Projeto Nós Por Nós



Logo do projeto, o nome faz referência à música Principia do Emicida<sup>16</sup>: “tudo que nós tem é nós”

### 3.1 Aproximação com o projeto

Conheci o projeto Nós Por Nós no começo de junho de 2021 através de uma publicação no Instagram de uma conhecida do movimento estudantil. Ela postou uma foto numa cozinha junto de outras voluntárias que estavam se preparando para uma das ações do projeto. Mandei mensagem perguntando como funcionava e se estavam precisando de mais voluntários, ela me explicou algumas coisas e me informou que encaminharia o meu número de telefone para outra voluntária para que ela me adicionasse ao grupo do projeto no WhatsApp. Demorou alguns dias para eu ser inserido, o que me fez achar que minha tentativa de aproximação não tinha dado certo, porém, quando fui adicionado entendi o que havia acontecido. São muitas as responsabilidades e trabalhos em um projeto social como o Nós Por Nós, assim, o gerenciamento de redes sociais, por exemplo, que demanda muita atenção, dependendo do grupo acaba ficando em segundo plano..

Após ser apresentado ao grupo, fui convidado para, no final de semana seguinte, participar da preparação da comida para as pessoas em situação de rua, que é uma das ações do projeto, dessa forma poderia conhecer melhor o grupo. No sábado, ao chegar no local combinado, logo fui recebido pelas voluntárias que foram

<sup>16</sup> [https://www.youtube.com/watch?v=h8gotN\\_Na28](https://www.youtube.com/watch?v=h8gotN_Na28). Acesso em: 03/06/2022.

muito receptivas e logo me contaram sobre a organização, as medidas sanitárias adotadas e a história do projeto.

O NPN surge em meados de abril de 2021 como uma iniciativa de combate à fome na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, e sua primeira ação acontece em 1º de maio, Dia do Trabalhador, em parceria com o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) e a Central Única dos Trabalhadores (CUT) Regional Sul. Na ação foram distribuídas 30 cestas básicas às famílias da Estrada do Engenho, local escolhido por ter muitas crianças, idosos e por não ser assistido por outros projetos que atuam na cidade. Abordarei melhor sobre a região futuramente.



Montagem das cestas básicas e carregamento do caminhão para a ação do 1º de maio. Fonte: Facebook, 2021<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> Todas as imagens das ações do projeto usadas neste trabalho estão disponíveis aqui: [https://www.facebook.com/projeto.npn.pelotas/photos/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/projeto.npn.pelotas/photos/?ref=page_internal)



Alimentos e kits de higiene presentes nas cestas básicas da primeira ação. Fonte: Facebook, 2021



Distribuição das cestas básicas. Fonte: Facebook, 2021

O grupo, que se forma enquanto um espaço coletivo sem a figura de um único líder, inicialmente é constituído por pessoas que têm em sua trajetória de vida proximidade com diversos movimentos sociais, principalmente os ligados aos movimentos sindicais, associações de classe e partidos alinhados à esquerda no espectro político. As voluntárias que pensaram o Nós Por Nós inicialmente, Rosângela e Maristela, esta última atualmente já não faz mais parte do grupo, faziam parte de um outro projeto que também atua junto às pessoas em situação de rua, mas que adotam uma outra abordagem. Inclusive, além da vontade de pensar

um projeto que tivesse entre suas prioridades, a criança, um dos motivos que levou a criação do projeto foi a necessidade de um espaço onde a discussão sobre as condições políticas que criam essa realidade de fome, miséria, retirada de direitos e o empobrecimento da população fossem pautadas, então, é com estes propósitos que o Nós Por Nós surge. Como apresentado anteriormente neste trabalho, logo em suas origens, as associações trabalhistas se vincularam e desenvolveram trabalhos no Terceiro Setor. Além da característica de assistência, estes trabalhos tinham como objetivo reivindicar os direitos da classe através de Políticas Públicas junto ao Estado. O projeto Nós Por Nós, por ser constituído por diversas voluntárias com origem nos movimentos sociais e associações de diversas classes trabalhistas, têm uma ligação estreita com a política, por ser o meio de luta e conquista de direitos.

### 3.2 Perfil das voluntárias

Sobre o perfil do voluntariado, assim que me aproximei do grupo, logo me chamou atenção o fato de o mesmo ser majoritariamente composto por mulheres, o que me fez questionar o porquê de tal característica. Um fator que poderia explicar as mulheres serem maioria no trabalho voluntário seria a problemática da imposição de um papel social atribuído a elas na nossa sociedade. À mulher é incumbido o papel de cuidadora, responsável por atender as necessidades dos outros. Para Saffioti (1976, p. 173),

a socialização da mulher se orienta por valores que a definem como a mantenedora da ordem estabelecida, como defensora da organização familiar [...] cuja existência deve ser inteiramente, ou quase, dedicada à vida da família e, às vezes, a atividades que visam ao estreitamento dos laços comunitários.

Segundo informações de 2020 do Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde (CONASEMS)<sup>18</sup>, por exemplo, em áreas como enfermagem, psicologia e serviço social, o percentual de mulheres ultrapassa os 80%. Essa

---

<sup>18</sup> Disponível em:

<https://www.conasems.org.br/o-protagonismo-feminino-na-saude-mulheres-sao-amai-oria-nos-servicos-e-na-gestao-do-sus/> Acesso em 26/05/2022.

realidade pode ser percebida mais facilmente no âmbito familiar, pensando na ocupação delas enquanto mãe, esposa, dona de casa, tradicionalmente responsáveis pelo bem-estar dos filhos, marido e pelas tarefas domésticas da família inteira etc. Esse papel enquanto responsáveis pelo cuidado de outrem se repete no projeto NPN pelo fato das mesmas também serem cerca de 80% do grupo, constituindo assim maioria.

Além disso, outro elemento importante referente ao perfil das voluntárias e muito importante de ser destacado diz respeito a média de idade das integrantes do projeto, que majoritariamente tem acima de 40 anos. Muitas delas são casadas, têm filhos ou são mães solo. Essas características me levam a pensar que nestes casos o trabalho voluntário para elas constitui como uma quádrupla jornada de trabalho. Em uma conversa no carro, a caminho das ações de sábado, Rosângela, 50 anos, minha interlocutora mais próxima, me conta sobre seu cansaço nesses quase um ano de atuação no projeto, à época. Além de voluntária, ela é mãe solo de um menino de 9 anos, servidora pública do município de Pelotas, trabalha em um posto de saúde localizado na colônia, e faz parte da gestão do sindicato da sua categoria, o SIMP (Sindicato dos Municipários de Pelotas). “Eu ando muito cansada, amigo, não tenho conseguido tirar um dia para mim e sinto que também tenho falhado com o Tui (filho), não tenho ficado o suficiente com ele.” Essa sobrecarga de trabalho, sentimento de exaustão e culpa recai sobre as mulheres de forma muito cruel e com o advento da pandemia isso se potencializou ainda mais.

### **3.3 Sobrecarga de trabalho**

Do contrário do que possa parecer, na pandemia, a exponencial virtualização do trabalho e o *homeoffice* para além de não ter facilitado o trabalho em muitos casos só o piorou. Lazer, diversão e trabalho passaram a dividir espaço, a exposição constante às telas foi potencializada, as relações foram virtualizadas, o Whatsapp diluiu os horários de trabalho. Com o tempo, a forma como as pessoas trabalham, se divertem e se relacionam fez surgir um sentimento de cansaço, isso não só se fez presente com as voluntárias do projeto, mas também na sociedade em geral, tornando-se assim um fator importante no que tange à sobrecarga de trabalho. Para

Cordeiro, Friede e Miranda (2018, p. 51), em A Violência Simbólica na Sociedade do Cansaço do Século XXI,

Na época do relógio de ponto era possível estabelecer uma clara separação entre o trabalho e o lazer. Laptops e smartphones formam um campo de trabalho móvel [...] A violência simbólica está presente na sociedade pós-moderna do desempenho como uma força invisível de dominação que causa danos morais e psicológicos, mesmo não sendo física. É exercida, em parte, com o consentimento de quem a sofre. Contudo, desenvolve doenças psíquicas, neuronais, que levam o individual ao esgotamento mental pela autoexploração, desgastando-se como um hamster, que corre sem parar numa roda, que gira sobre si mesmo, consumindo-o física e mentalmente, até a exaustão.

Atualmente, estar presente nas redes sociais e fazer a divulgação das ações que o projeto desempenha é fundamental para o engajamento do próprio projeto com a sociedade no geral, porque é através disso também que novas voluntárias e contribuições chegam e permitem a manutenção do grupo. Contudo, por vezes, o trabalho virtual é deixado em segundo plano. Primeiro pelo volume de trabalho empregado nas diferentes ações e segundo pela dificuldade na utilização das diversas ferramentas das diferentes plataformas, já que o grupo possui perfis nas redes sociais Facebook<sup>19</sup> e Instagram<sup>20</sup>, que contam com recursos como o reels, igtv, stories, além do bate-papo de ambas, que é um espaço de aproximação direta do grupo. Assim, logo que cheguei ao grupo fui direcionado a ajudar no gerenciamento dessas redes porque, apesar de vivermos na chamada era digital, grande parte da população ainda encontra dificuldade de interação com as novas plataformas, principalmente os nascidos anterior a Geração Y (*millennials*)<sup>21</sup>, como é o caso das voluntárias do projeto NPN, visto que essas plataformas se atualizam cada vez mais rápido, tornando-se um desafio em termos de usabilidade.

---

<sup>19</sup> Página do projeto no Facebook:

[https://www.facebook.com/projeto.npn.pelotas/photos/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/projeto.npn.pelotas/photos/?ref=page_internal).

<sup>20</sup> Página do projeto no Instagram: <https://www.instagram.com/projeto.nospor.nos/>.

<sup>21</sup> Essa expressão faz parte de um conceito que organiza as pessoas e suas respectivas características em decorrência do período de nascimento, configurando-se da seguinte forma: Geração Baby Boomers, nascidos entre 1940 e 1960, Geração X, nascidos entre 1960 e 1980, Geração Y (*millennials*), nascidos entre 1980 e 1995, Geração Z, nascidos entre 1995 e 2010 e Geração Alpha, nascidos a partir de 2010.

### 3.4 Dinamismo e motivação

Um elemento importante a ser destacado sobre o voluntariado e que eu percebi já nos primeiros meses de atuação no projeto diz respeito ao dinamismo e volatilidade na composição de projetos sociais, como é o caso do NPN. Essa característica me leva a pensar em dois pontos fundamentais, sendo o segundo crucial nas discussões antropológicas relativas ao Terceiro Setor.

O primeiro deles é que esse dinamismo talvez possa ser explicado pela exaustão proveniente desta sociedade do cansaço, como mencionado anteriormente, fazendo com que as voluntárias se aproximem e se afastem de forma muito repentina. Outra explicação para isso seria a incompatibilidade com a forma de trabalho do grupo ou o desalinhamento político-ideológico das novas integrantes com o restante do grupo, principalmente por estarmos vivendo um momento de polaridade política muito forte. As críticas em relação ao governo Bolsonaro e a gestão municipal, por exemplo, estão sempre presentes nas conversas do grupo, o que de alguma forma pode afastar as pessoas que não gostam de entrar nessas discussões. O fato é que a experiência no NPN mostra o quanto o grupo se modifica em tão pouco tempo, algumas pessoas se afastam por determinado período e retornam posteriormente, outras se voluntariam em outros projetos ou até mesmo criam seus próprios coletivos, como foi o caso das criadoras do NPN.

O segundo ponto, e mais importante, refere-se aos motivos pelos quais as pessoas decidem participar de um projeto social. O que as move, principalmente em um contexto de pandemia? Gisele, mais conhecida como Gisa, 58 anos, professora de português e matemática da rede básica de ensino do município e tesoureira do SIMP, acredita que “a gente precisa ajudar quem tá em situação pior que a nossa”. Kátia, 57 anos, professora da Escola Especial Professor Alfredo Dub, casada com João Paulo, 59 anos, orientador pedagógico da rede municipal de ensino e também voluntário no projeto, diz que sente necessidade de participar do NPN “porque essa miséria toda não é justa”. Alessandra, 48 anos, autônoma, revendedora de cosméticos, moradora do Capão do Leão viaja para Pelotas para participar das ações semanalmente, justifica seu envolvimento no projeto “porque é bom ajudar, é um sentimento de dever cumprido”. A caminho de uma das ações do projeto, Rosângela me disse:

Sou muito realizada pelo nosso trabalho. É muito gratificante chegar em casa e saber que pudemos ajudar pessoas que estão em extrema vulnerabilidade, passando fome, mas meu sonho é que o projeto não precise existir e que o nosso trabalho não seja mais necessário. Mas, enquanto o Estado e o Poder Público não fazem o seu trabalho, nós seguimos porque as pessoas precisam. (Diário de Campo - Pelotas, 13 de novembro de 2021)

Na Antropologia, o Dom surge como uma forma de explicação das relações e vínculos sociais. Nesse sentido, Marcel Mauss (2003) propõe a Teoria da Dádiva, que se estabelece no ato obrigatório de dar, receber e retribuir, assim, essa obrigatoriedade, que está colocada na forma com as quais as pessoas se relacionam, torna possível os vínculos sociais, estabelecendo e fortalecendo as alianças. Ou como coloca Godbout (1998, p. 5), a dádiva “circula na sociedade em prol e em nome do laço social”. Na corrente desta discussão e pensando a superação do dilema clássico das Ciências Sociais, que se encontra na divisão indivíduo x sociedade, Caillé (2002) aponta para a configuração de um Terceiro Paradigma nas Ciências Sociais. Esse novo paradigma surge em contraposição a corrente individualista, que explica as relações sociais como uma disputa entre os indivíduos em busca da satisfação pessoal, e a corrente holista, onde as explicações para todas as relações sociais se encontram na manifestação de uma totalidade, que é composta pela soma de todos os indivíduos, formando assim um corpo moral que norteia a mesma. Para Martins (2017, p. 174),

No sistema da dádiva, a vida social aparece como sistema fluante no tempo, que pode ser observado pela circulação dos bens materiais e imateriais, fertilizados por um simbolismo geral que significa a realidade em cada momento e em cada lugar.

Aprofundando o debate sobre o dom e contradom, Lemões (2020) mostra em sua pesquisa com pessoas em situação de rua que esse sistema de trocas da dádiva age de forma distinta entre “iguais” e “desiguais”, justamente pelo fato das partes se encontrarem em posições diferentes.

identificar posições de igualdade e desigualdade nas relações nos possibilita compreender a multiplicidade da dádiva e do vínculo social no contexto da população em situação de rua. A partir destas considerações, observamos que a dádiva percorre todo o tecido relacional dos sujeitos deste estudo, atuando no estabelecimento de vínculos de ajuda, afeto,

solidariedade e, ao mesmo tempo, ressaltando as hierarquias sociais. (LEMÕES, 2020, p. 39-40)

Diferentemente de projetos sociais de cunho religioso, como a organização Rango da Sete apresentada por Lemões (2020), onde o trabalho do grupo era guiado por motivações religiosas e orientado pela ideia de caridade, no projeto NPN as motivações se parecem diferentes. Sobre a percepção das pessoas assistidas pelo coletivo, Lemões (2020, p. 138) coloca o seguinte:

O ato de doar, na concepção dos receptores, é entendido como ato de justiça, de partilha obrigatória “dos que têm mais com os que têm menos”. A dívida já está dada antes mesmo de qualquer doação, mas a dádiva não se completa porque a existência de um devedor precede ao ato de doar, ao passo que para constituir dádiva (e, por conseguinte, o laço social) a dívida deveria existir a partir do ato de “dar a mais do que se pede ou do que se deve”, quesito fundamental para a circulação de dádivas (GODBOUT, 2002).

Dessa forma, assim como para as pessoas em situação de rua atendidas pelo Rango da Sete, entre as voluntárias do projeto NPN a doação também parece se constituir a partir de uma ideia de partilha, não guiada pela caridade, mas sim por noções de justiça e igualdade, onde quem tem mais deve ajudar quem tem menos. Portanto, há na identidade do projeto NPN uma espécie de aproximação de classe com os assistidos, frente a um contexto de miséria que afeta não só as camadas sociais em extrema vulnerabilidade como é o caso do público alvo do projeto, mas também a classe trabalhadora assalariada que sofre com a retirada de direitos.

Para além disso, o grupo se constitui enquanto um espaço de sociabilidade, troca e resistência. O cenário político de uns anos para cá, por consequência da escalada de governos de caráter autoritário, se tornou um espaço violento, avesso a garantia de direitos básicos fundamentais e muito perigoso às pessoas situadas em um espectro político progressista. Esse movimento fez com que a sociedade precisasse se reorganizar. Desse modo, o projeto NPN, para além do trabalho que desenvolve, origina-se como um reduto de solidariedade e esperança às voluntárias e voluntários preocupados com os rumos políticos que o país tem tomado.

Dito isto, nos subcapítulos a seguir apresentarei as frentes de atuação do projeto NPN - as refeições às pessoas em situação de rua; as cestas básicas às

famílias da Estrada do Engenho e o revestimento das casas - e, a partir disso, as discussões suscitadas por elas no âmbito das ações desenvolvidas pelo grupo.

### 3.5 Primeira frente de atuação: amigos da rua

A primeira frente de atuação é a das refeições para as pessoas em situação de rua, que acontece semanalmente aos sábados, no final da tarde. Em média, são preparadas cerca de cem refeições. Ao longo da semana, o GT (Grupo de Trabalho) da cozinha discute e decide o cardápio a ser preparado no sábado e, após isso, o grupo faz um levantamento do que tem disponível e quais os alimentos que precisam ser comprados. Então, as voluntárias que têm disponibilidade vão até o mercado fazer as compras. Aproveito esse fato para destacar que o grupo não tem funções demarcadas entre as voluntárias, cada uma participa conforme pode e quando pode, essa característica de flexibilidade faz com que haja uma rotatividade no que tange a composição dos GTs, que estão sempre mudando, apesar da permanência de algumas pessoas que atuam de forma mais ativa.

Voltando à cozinha, as refeições são preparadas, em parte, por voluntárias que cozinham em casa com insumos próprios, como é o caso de Adriane e César, professores da rede pública de ensino de Pelotas, e dona Teresa e Cátia, mãe e filha que estão no projeto desde os primeiros meses, outra parte das refeições é preparada por voluntárias que cozinham no Sindicato da Alimentação de Pelotas.



Bruno, Mirian, Rosangela, Magda e Marielda na cozinha do Sindicato da Alimentação. Fonte: Facebook, 2021



À direita mais à frente Kátia, ao fundo as demais voluntárias. Fonte: Facebook, 2021



Cátia, dona Teresa e o esposo preparando as refeições em casa. Fonte: Facebook, 2021

O espaço para organização do projeto e preparo das ações foi cedido em virtude da relação das voluntárias que fundaram o projeto com a direção do Sindicato da Alimentação. O grupo contava ainda com a colaboração de uma nutricionista e também voluntária, mas que atualmente não faz mais parte do grupo, Mirian ajudava a pensar as refeições dentro de um contexto de recursos escassos, garantindo assim não só a qualidade no valor nutricional do que é preparado, mas também a adequação diante das condições financeiras do projeto no momento. Além das refeições, o grupo sempre que pode faz bolos para distribuir junto das marmitas, com o propósito de ser uma ceia a ser consumida com o café ou suco

também preparado pelo projeto. Para os animais que acompanham os assistidos também é disponibilizada ração.



Preparo das refeições no Sindicato da Alimentação. Fonte: Facebook, 2021



Marmitas servidas no Sindicato da Alimentação. Fonte: Facebook, 2021



Bolos que acompanham as refeições. Fonte: Facebook, 2021

No início da noite, após o preparo das refeições, as voluntárias responsáveis pela distribuição das marmitas chegam ao sindicato e carregam os carros. Geralmente, são três ou quatro carros e em cada um deles em média três voluntárias. O combustível que abastece os veículos é pago pelas próprias proprietárias, não saindo do caixa do projeto. Durante as rotas de entrega das refeições, as voluntárias vão a cada ponto onde a pessoa atendida se encontrava na semana anterior ou no local indicado pela mesma para receber a refeição. No total são quatro rotas, que duram cerca de quarenta e cinco minutos a uma hora, e, diferente da maioria dos outros projetos sociais que atuam em Pelotas, as rotas do NPN contemplam os bairros Centro, Porto, Fragata e Três Vendas, não se restringindo a um local específico de distribuição de refeições. A partir dessa dinâmica, estreitam-se os vínculos e aumenta a relação de intimidade das voluntárias com as pessoas atendidas pelo projeto.



Distribuição das refeições. Fonte: Facebook, 2021



Os animais que se alimentam com ração recebem suas porções. Fonte: Facebook, 2021

Certa vez, durante uma das ações de sábado, uma das pessoas em situação de rua que recebe a marmita do projeto me disse: “Chegou a vermelhinha, a melhor de todas, comida de verdade!”. A expressão “vermelhinha” faz menção ao adesivo com a logo vermelha que é colocado nas tampas das marmitas, para fins de identificação do projeto e procedência da comida. O que quero destacar aqui é outro ponto da fala dele, o “comida de verdade”.



Logo do projeto presente nas marmitas, a “vermelhinha”. Fonte: Facebook, 2021

Em 2017, o ex governador do Estado de São Paulo, João Dória (PSDB), à época prefeito de São Paulo, lançou um programa chamado Alimento para Todos, que consistia na distribuição de salgadinhos e biscoitos à base de farinata, também chamada de ração humana. Este produto seria resultado de um processo de liofilização de restos de alimentos próximos da data de validade e que iriam para o lixo. A liofilização consiste na desidratação de alimentos através do seu congelamento a vácuo, os produtos gerados nesse processo manteriam suas vitaminas, proteínas e sais minerais. O programa recebeu duras críticas e por muitos motivos acabou não sendo efetivado. O que mais repercutiu naquela época foi a fala do próprio prefeito durante uma entrevista coletiva ao lado de Dom Odilo Scherer, arcebispo da arquidiocese de São Paulo e também defensor do produto. Na tentativa de defender a farinata, João Dória disse: “Pobre não têm hábito alimentar, pobre tem fome”.

A problemática posta aqui não se restringe apenas aos idealizadores do programa Alimento para Todos e seus apoiadores, ela permeia o imaginário popular

e até mesmo de membros de grupos do Terceiro Setor. Pessoas em situação de rua relataram a nós, voluntários do projeto NPN, que por vezes recebem comida mal acondicionada, estragada e fora da validade. Há um processo de desumanização das pessoas em situação de rua praticado até mesmo por quem deseja combater a fome, de modo que qualquer coisa serve como comida para essa população.

Roberto DaMatta, pensando a questão da gramática culinária brasileira aponta duas categorias na semântica relativa a alimentação, diferenciando alimento e comida:

Qualquer brasileiro sabe que toda substância nutritiva é 'alimento', mas sabe também que nem todo alimento é 'comida'. De fato, para transformar um alimento em comida, é preciso não só o ato crítico do cozimento, mas também o modo pelo qual o alimento é preparado. (DAMATTA, 1987, p. 22)

O cuidado e o esmero com o qual o alimento é tratado durante o preparo atribui a ele a qualidade da comida, há um processo que a torna comível. Ainda para DaMatta (1986, p. 56), "comida não é apenas uma substância alimentar mas é também um modo, um estilo e um jeito de alimentar-se. E o jeito de comer define não só aquilo que é ingerido, como também aquele que o ingere".

No projeto NPN, o conflito acontece desde a constituição do grupo, que é formado por pessoas de diversos movimentos sociais, configurando divergências no âmbito da abordagem que o projeto deve tomar frente às problemáticas de gestão de uma organização independente, oficialmente sem uma liderança, apesar das figuras que balizam as escolhas do coletivo, como é o caso de Rosângela, fundadora e voluntária mais antiga. A coesão do grupo acontece em virtude de um objetivo em comum, que é a manutenção das ações, não excluindo a ocorrência de conflitos. Tais embates movimentam o coletivo, aproximando voluntárias/os de forma a segmentar o grupo através de alinhamentos ideológicos de atuação, a partir da própria ética e moral dos sujeitos.

Como falado anteriormente, boa parte dos membros do projeto NPN têm relação com outros movimentos sociais, sendo assim, priorizam suas pautas dentro do coletivo que, apesar de possuir um único objetivo, se espraia para diversos âmbitos nas suas variadas ações, tornando-se um desafio em termos de gestão. Os recursos arrecadados pelo projeto precisam ser geridos de modo a contemplar as ações voltadas para as pessoas em situação de rua e para as da Estrada do Engenho, bem como a distribuição de comida para os cães e gatos das pessoas

assistidas pelo projeto em ambas situações. Este conflito leva a uma outra discussão que a priori pode parecer estar dada, mas que mostra sua complexidade no desenrolar do campo.

Em momentos de escassez de arrecadações, o ensaio sobre a discussão da escolha entre priorizar a compra de alimentos para as pessoas e para os animais é um demonstrativo desta complexidade. Certa vez, uma voluntária com histórico de atuação em defesa da causa animal sugeriu priorizar a compra de ração para os cães e gatos, pois, para ela, “As pessoas dão seu jeito, já os bichos não. [...] E tem mais, algumas pessoas ali usam o pouco que têm para comprar bobagem e não comida. Naquele grupo trabalhar que é bom ninguém quer”, uma espécie de diferenciação, conforme coloca Lautier (2014), entre o “bom pobre” e o “mau pobre”<sup>22</sup>, uma moralidade presente no Estado, mas não só nele como também na sociedade. O relato ainda me leva a pensar no que Barbosa e Campbell (p.21, 2006) dizem em *Cultura, consumo e identidade*:

[...] embora todo e qualquer membro de uma sociedade seja um consumidor ativo de bens e serviços, nem todos têm um papel no processo produtivo. Desempregados, estudantes em tempo integral, crianças, adolescentes, aposentados e doentes, entre outros, não produzem qualquer tipo de riqueza do ponto de vista econômico, embora consumam de forma permanente os mais diversos tipos de bens e serviços. Nas sociedades contemporâneas, contudo, o valor do trabalho é moralmente superior ao atribuído ao consumo. O trabalho é considerado fonte de criatividade, autoexpressão e identidade. O consumo, por outro lado, é visto como alienação, falta ou perda de autenticidade e um processo individualista e desagregador. Ninguém sente culpa pelo trabalho que realiza, só pelo que deixou de fazer, mas o consumo, especialmente daquilo que se considera bem supérfluos, é passível de culpa. Não trabalhar é um estigma, enquanto não consumir é uma qualidade, moralmente superior ao ao seu inverso.

Em consonância com Talita Eger (2013), que escreve sobre as famílias beneficiadas pelo Programa Bolsa Família, Machado e Menasche (2018) colocam que sobre o público alvo do programa há um estigma e um monitoramento quanto a sua utilização. Sendo assim, trata-se de um benefício “carregado por marcas de classe, gênero e geração e atravessado por sentidos, moralidades, classificações e expectativas socialmente constituídas e permanentemente tensionadas” (EGER,

---

<sup>22</sup> “O ‘bom pobre’ aceita a inquirição (sobre sua renda real, já que o mau pobre é um dissimulador, sobre o modo de vida, já que o mau pobre é cheio de vícios, etc.) e, ao mesmo tempo, admite facilmente que deve ser reeducado. É franco (deve ser manifestadamente pobre e ‘inspirar piedade’) e deve ser, simultaneamente, humilde. O mau pobre considera a ajuda assistencial como uma obrigação e recusa a existência de contrapartidas a essa ajuda (inclusive e sobretudo do tipo *workfare*). (LAUTIER, p. 466, 2014)

2013, p. 18). Machado e Menasche demonstram em seu trabalho que as próprias bolsistas do Programa Bolsa Família incorporam a visão vigilante do Estado:

Sendo frequentemente interrogadas sobre o uso do dinheiro, sentindo-se vigiadas, as bolsistas parecem incorporar o olhar vigilante do Estado, cuja moralidade referente ao consumo pode também ser relacionada à recorrência, em suas respostas, à compra de alimentos, roupas e material escolar para os filhos. (MACHADO e MENASCHE, 2018, p. 160)

O controle moral exercido pelas agentes do Estado e pelas próprias beneficiárias relatado pelas autoras também está presente em projetos do Terceiro Setor, como foi possível perceber nesta pesquisa.

Neste sentido, e para ajudar a pensar a problemática referente à moralidade sobre as camadas mais pobres, ainda é importante destacar que existem duas categorias no que tange às discussões sobre o consumo. Visto que a sociedade contemporânea é compreendida por diversos/as teóricos/as como a sociedade do consumo e desde muito tempo o consumo é visto como algo profano, em contraponto à produção, vista como dignificante, à exemplo da fábula da cigarra e a formiga, culturalmente poderíamos dividir o consumo entre aquilo que é uma necessidade básica e aquilo que é supérfluo. Para Barbosa e Campbell (2007, p. 37) em Sociedade de Consumo:

Do ponto de vista cultural, necessidades básicas são aquelas consideradas legítimas e cujo consumo não nos suscita culpa, pois podem ser justificadas moralmente. As supérfluas, como o próprio nome indica, são dispensáveis e estão associadas ao excesso e ao desejo.

Sobre o consumo daquilo que se enquadraria na categoria dos supérfluos, as autoras ainda colocam:

consumi-los é ilegítimo e requer retóricas e justificativas que as enobrecem e que diminuam a nossa culpa. Mesmo na sociedade contemporânea, moderna e individualista, na qual as noções de liberdade e de escolha são valores fundamentais, sente-se a necessidade de justificar a compra de alguma forma.” (BARBOSA; CAMPBELL. 2007, pág.37)

O que se evidencia no decorrer da pesquisa é que, assim como acontece no Primeiro Setor, no Terceiro Setor também há um controle moral daquilo que é destinado a grupos em vulnerabilidade, até mesmo em projetos sociais fortemente ligados ao movimento trabalhista, como uma espécie de perseguição de classe que permeia a sociedade.

A relação do Nós Por Nós com o Poder Público é bastante distante, durante este primeiro ano de existência do Projeto apenas uma vez o grupo teve um contato mais direto com a Prefeitura de Pelotas, que é governada pelo PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira), um partido mais à direita no espectro político, e suas secretarias, como por exemplo a SAS (Secretaria Municipal de Assistência Social). No final de julho de 2021, a Prefeitura, a partir de suas secretarias voltadas ao trabalho social, procurou o Nós Por Nós e outros projetos sociais que atuam em Pelotas para fazer uma ação destinada às pessoas em situação de rua. Isso porque chegava ao Rio Grande do Sul uma onda de frio com temperaturas próximas e em alguns momentos até abaixo de 0° C. Circulavam nas redes sociais e nos jornais notícias sobre o impacto das baixas temperaturas para as pessoas que viviam na rua sem condições de se proteger do frio. Após essa movimentação popular, a Prefeitura então propôs uma reunião com os mais de cinquenta projetos sociais atuantes em Pelotas, esse convite foi divulgado em um grupo do Whatsapp intitulado “LIDERANÇAS Q FAZEM O BEM”, onde todos os projetos estão reunidos.

Na reunião, foi informado que o município faria uma ação para abrigar essa população, ela aconteceria no Colégio Municipal Pelotense. Para tanto, a prefeitura pediu para que os projetos ajudassem doando agasalhos, colchões, cobertores, travesseiros, alimentos e participassem da ação, encaminhando as pessoas para o abrigo, visto que a Secretaria Municipal de Assistência Social não tinha uma relação estreita com a população em situação de rua. Parte dos projetos que participaram da reunião se dispuseram a participar da ação sem questionar a dinâmica proposta. Dentro do Projeto Nós Por Nós, a discussão girou em torno da responsabilidade do Poder Público sobre este trabalho e sobre os insumos necessários para a ação, visto que isto está dentro das competências do Estado e seus representantes. Além disso, preocupava também a possibilidade das pessoas atendidas pelo Projeto passarem a vincular as integrantes do grupo à Prefeitura, isto afetaria a relação que havia se construído com esta população, uma vez que são recorrentes as denúncias de perseguição destas pessoas por agentes representantes do Poder Público Municipal. Outra preocupação era que, participando da ação, o Projeto ajudasse a Prefeitura a conquistar a admiração da opinião pública, já que a ideia de caridade e de ajuda aos pobres é uma estratégia que funciona, assim, sendo usada para fins políticos. Sendo assim, o Nós Por Nós decidiu que faria ações independentes como sempre fez, distribuindo refeições, cobertores e agasalhos, mas não deixando de

informar sobre o trabalho da Prefeitura no Colégio Municipal Pelotense, caso alguém tivesse interesse. O grupo intensificou as ações neste período, também distribuindo café, chocolate quente e cobertores térmicos durante a semana.

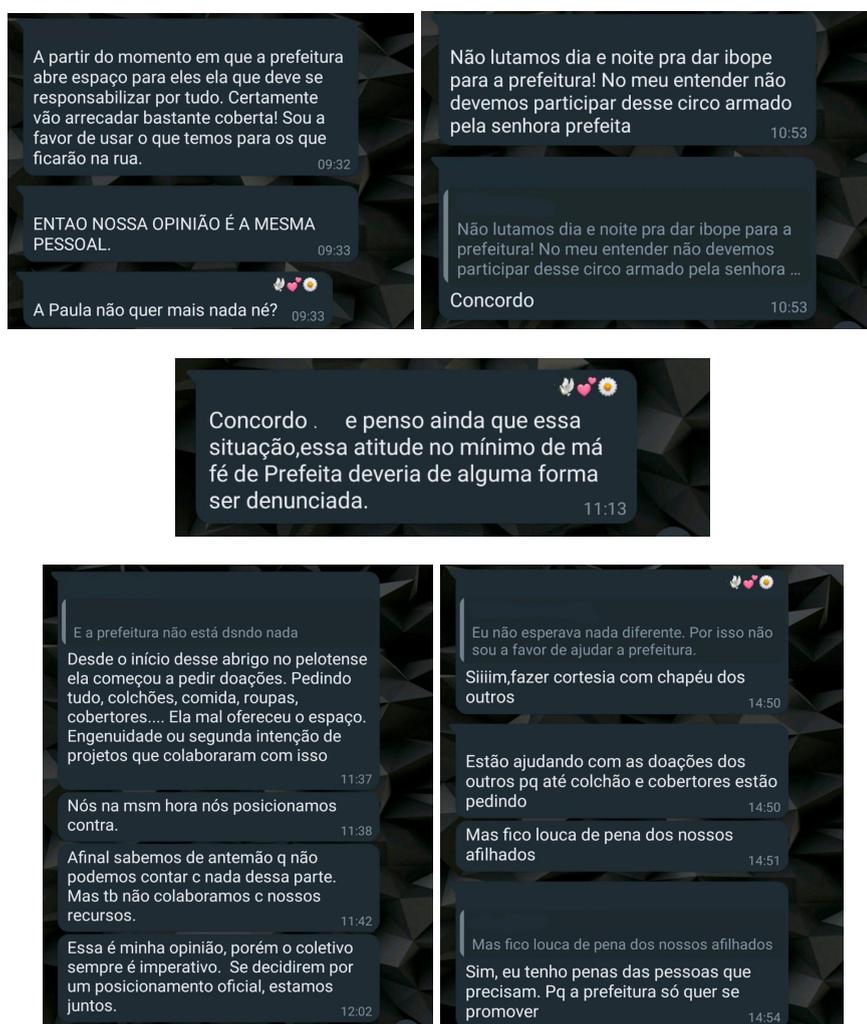


Voluntárias na rua durante a ação em virtude das baixas temperaturas. Fonte: Facebook, 2021

Nesta campanha, então, durante a noite, o Colégio Municipal Pelotense disponibilizou 30 vagas, e a Casa de Passagem mais 80, o local também foi abarcado na ação servindo como abrigo. Posteriormente, passaram a circular muitas informações que diziam respeito aos problemas da ação. Segundo relatos de algumas pessoas que aceitaram ir para o abrigo temporário, o acolhimento não aconteceu com a atenção que o contexto pedia, não havia sequer uma bebida quente para recebê-los, o horário máximo de desocupação do local era até às 07 horas da manhã, sendo ainda um horário de muito frio principalmente naquela época do ano, os animais foram separados dos tutores e só seriam aceitos se ficassem isolados em um espaço coletivo para pets. Assistidos do Projeto recusaram ir para o abrigo justificando que as regras impostas para a estadia eram muito rígidas. Um ponto a ser pensado na decisão dessas pessoas de não aceitar a pernoite é o fato de que muitas delas precisariam atravessar a cidade para chegar até o abrigo, sendo obrigadas a voltar para rua muito cedo e sem a segurança de que não perderiam suas ocupações para outras pessoas em situação de rua.

Dois dias após o início da campanha de acolhimento no Pelotense, a Prefeitura divulgou nas suas redes sociais um filme produzido durante o primeiro dia

de acolhimento<sup>23</sup>. Nele, é demonstrado o trabalho desenvolvido na ação sem sequer fazer uma menção ao envolvimento dos projetos para o andamento da mesma, nem dos suprimentos que custearam a ação, como se fosse uma iniciativa única e exclusivamente bancada pela Prefeitura. Isto gerou muita revolta dentro do Projeto, integrantes foram na publicação e denunciaram a invisibilização e falta de créditos aos demais envolvidos. Atualmente, estes comentários não estão mais disponíveis pois foram apagados pela Prefeitura, restando apenas os que a parabenizaram pela campanha.



A discussão gerada no grupo em virtude das ações da Prefeitura. Fonte: Whatsapp, 2021

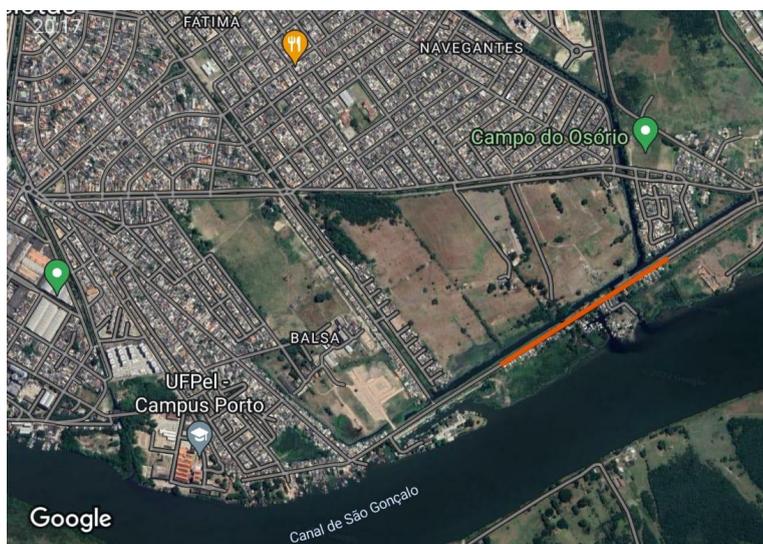
Portanto, essa experiência demonstra a dificuldade que muitas vezes os projetos sociais, neste caso o NPN, encontram de dialogar com o Poder Público e

<sup>23</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/tv/CR4MpiwCgDD/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/tv/CR4MpiwCgDD/?utm_source=ig_web_copy_link). Acesso em: 03/06/2022.

seus agentes. Esta dificuldade que já acontece em Pelotas, onde a Prefeitura é comandada por um partido de direita, mas que ainda assim se coloca dentro do jogo democrático e não nega a política, permite pensar o quão mais complicada deva ser esta relação em outros locais do país. O Brasil vive um momento onde forças antidemocráticas fascistas emergem com força total, chegando aos mais altos cargos políticos, perseguindo grupos minoritários e movimentos sociais, isto tudo agrava ainda mais o problema.

### 3.6 Segunda frente de atuação: famílias da Estrada do Engenho

A segunda parte do tripé que estrutura o Projeto NPN é a distribuição de cestas básicas às famílias da Estrada do Engenho. Esta ação acontece uma vez por mês, sempre no último sábado de cada mês. A data foi estabelecida estrategicamente porque este é um período de maior escassez de recursos, sendo assim, garante-se a alimentação básica das famílias. A região da Estrada do Engenho foi escolhida pelas primeiras voluntárias do projeto, em virtude da relação que algumas delas têm com as moradoras, por ser um local onde há muitos idosos e crianças, onde a população sofre com a especulação imobiliária das construtoras de condomínios que se instalam à beira do Canal São Gonçalo.



A Estrada do Engenho, mais precisamente as famílias assistidas pelo projeto, localizam-se na linha em laranja no mapa. Fonte: Google Maps

Atualmente, o projeto distribui aproximadamente trinta e cinco cestas básicas, número muito inferior ao de alguns meses atrás, onde eram distribuídas cerca de quarenta e cinco cestas. Esse corte ocorreu devido às dificuldades de arrecadação que o projeto vem enfrentando, consequência do aumento nos preços dos alimentos. Diante deste cenário, foi necessário pensar um parâmetro para determinar quem permaneceria recebendo os alimentos com a baixa arrecadação e quem sairia da lista temporariamente. Assim, o projeto decidiu priorizar as famílias que tinham crianças em sua composição, visto que esta desde o princípio era uma prioridade do grupo.

As cestas básicas são compostas por: dois quilos de arroz; dois quilos de feijão; dois pacotes de massa; um quilo de sal; um quilo de açúcar; uma lata de óleo; um quilo de farinha de trigo; um pacote de fermento; um sachê de café solúvel; dois pacotes de bolacha; dois sachês de molho de tomate; e um kit de higiene composto por um creme dental e um sabonete. Além disso, às famílias com crianças até dez anos são distribuídas caixas de leite e a quantidade por criança depende da faixa etária delas.



Alimentos arrecadados para as cestas básicas. Fonte: Facebook, 2021

As arrecadações dos itens que compõem as cestas básicas acontecem ao longo do mês e são armazenadas na sede do Sindicato da Alimentação. Além das arrecadações espontâneas, ou melhor, arrecadações fruto das campanhas que o projeto e suas voluntárias fazem nas redes sociais, também são feitas ações nas portas de supermercados, mas isto acontece mais em momentos onde o estoque de alimentos para as cestas básicas está em baixa. Geralmente, dois dias antes das entregas o grupo se reúne e faz a montagem das cestas. Os itens faltantes são listados e então uma voluntária fica responsável pela sua compra para assim fechar todas as cestas. O dinheiro para a compra desses alimentos vem do PIX do projeto, que é resultante de campanhas que o grupo faz nas redes sociais e também através da rede de amigos das próprias voluntárias. Para além da compra de alimentos para as refeições e alimentos das cestas básicas, as doações em dinheiro servem para comprar a ração dos animais que são atendidos pelo projeto.



Arrecadações na porta dos supermercados. Fonte: Facebook, 2021



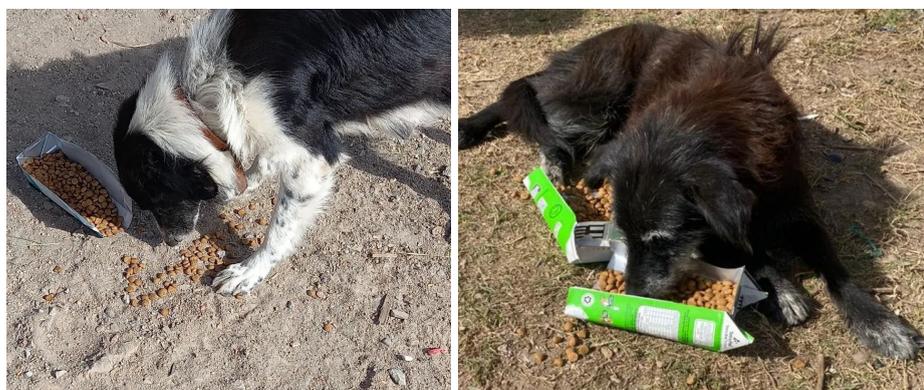
Montagem das cestas básicas no Sindicato da Alimentação. Fonte: Facebook, 2021

Durante as ações do projeto, o grupo identificou a necessidade de também atender os animais, cães e gatos, das moradoras da Estrada do Engenho, região onde são abandonados muitos animais, e das pessoas em situação de rua. O contato com a população de rua propiciou enxergar uma dinâmica diferente na relação delas com os animais que as acompanham. Mesmo estando em uma situação de extrema vulnerabilidade, é comum vê-las dividindo a comida com os cães.





Entrega das cestas básicas às famílias da Estrada do Engenho. Fonte: Facebook, 2021



Os animais das moradoras recebem ração. Fonte: Facebook, 2021



Voluntariado reunido para registrar o final da ação na Estrada do Engenho. Fonte: Facebook, 2021

Ainda no âmbito da Estrada do Engenho, é preciso falar da relação do projeto NPN com as crianças da comunidade, relação que acontece desde sua criação. As voluntárias que pensaram o projeto, além de organizar um coletivo cujo objetivo fosse amenizar a fome, tinham como enfoque criar ações e espaços que fossem voltados para as crianças. Apesar do cenário de pobreza afetar toda a população, a preocupação das voluntárias com esse público em específico se dá pelo entendimento de que as crianças estão mais vulneráveis, já que não possuem a autonomia de um adulto.

As famílias da Estrada do Engenho que possuem crianças na sua composição são priorizadas na distribuição das cestas básicas entregues pelo projeto. Diferente de outros grupos que muitas vezes nem colocam leite em suas cestas básicas, também em virtude do custo, o Projeto Nós Por Nós organiza campanhas de arrecadação por este ser um item fundamental, muitas vezes o alimento base para as crianças, principalmente as menores. Crianças de até quatro anos recebem três litros de leite; de cinco a seis anos, quatro litros, e crianças de sete a dez anos, seis litros. Não há limites de caixa de leite por família, o cálculo é feito por criança e independe da quantidade de filhos.

Além disso, durante os trabalhos do Projeto junto às famílias desta região identificou-se a falta de acesso e acompanhamento das crianças aos serviços de saúde. A maioria das crianças da Estrada do Engenho não têm a carteira de vacinação atualizada nem as vacinas em dia; algumas delas nunca mais se vacinaram após deixarem a maternidade, além de encontrarem dificuldade de deslocamento até as Unidades Básicas de Saúde. Isto foi visto com muita preocupação pelo projeto, já que a região não possui saneamento básico, o que potencializa a disseminação de diversas doenças infecciosas, hepatite A, leptospirose, disenteria bacteriana, esquistossomose, febre tifóide, cólera e parasitoides. Pensando nisso, o projeto vem fazendo um levantamento das vacinas necessárias para organizar campanhas de vacinação na Estrada do Engenho, levando equipes de saúde até o local.

Ao longo de um ano de atuação do Projeto junto à comunidade, o grupo organizou festas, respeitando as medidas sanitárias, e diversas ações de incentivo às crianças. Houve a ação de Páscoa com distribuição de kits de chocolate, a ação de Dia das Crianças e Natal, ambas com festas onde foram distribuídos os presentes arrecadados para as crianças e as mães. As comemorações contaram

com brinquedos infláveis, carrinho de pipoca, carrinho de crepe, espaço de beleza com penteados para as crianças, maquiagem para as mães e sessão de fotos, além da chegada do Papai Noel na festa de Natal. Ademais, com a volta às aulas em 2022, o grupo organizou uma campanha de arrecadação de material escolar, assim foram preparados kits escolares, uma forma de incentivo às crianças e adolescentes após esse afastamento das escolas em virtude da pandemia. Muitas dessas crianças perderam o vínculo com as instituições de ensino, já que ele acontecia de forma digital e grande parte delas não tinha acesso a tais recursos. O projeto estuda ainda uma parceria com cursinhos pré-vestibulares públicos para promover ações entre os jovens da Estrada do Engenho, fomentando o acesso à universidade.





Festa de Dia das Crianças e de Natal das crianças da Estrada do Engenho. Fonte: Facebook, 2021



Entrega dos kits escolares. Fonte: Facebook, 2022

Todas as ações anteriormente apresentadas, além de oferecerem recursos básicos para a subsistência da comunidade, fazem parte de um movimento do projeto NPN que visa ampliar os horizontes das famílias da Estrada do Engenho, incentivando a educação, restabelecendo a dignidade e a autoestima das moradoras. Apesar do aumento da desigualdade no acesso ao ensino superior nos últimos anos, as Políticas Públicas nesse sentido criadas nas últimas duas décadas permitiram as classes mais pobres acessarem a universidade e ressignificarem suas trajetórias, isso se reflete, por exemplo, nos integrantes do projeto NPN que fazem parte de um grupo que se viu rompendo essas barreiras de acesso pela primeira vez. Assim, a solidariedade de classe acontece em um movimento que objetiva a mudança de uma estrutura que nega direitos básicos, principalmente às camadas mais pobres, e cria a possibilidade de um futuro mais justo: um sobe e puxa o outro.

Como apresentado anteriormente neste trabalho, logo em suas origens, as associações trabalhistas se vincularam e desenvolveram trabalhos no Terceiro Setor. Além da característica de assistência, estes trabalhos tinham como objetivo reivindicar os direitos da classe através de políticas públicas junto ao Estado. O projeto NPN, por ser constituído por diversas voluntárias com origem nos movimentos sociais e associações de diversas classes trabalhistas, têm uma ligação estreita com a política, por ser o meio de luta e conquista de direitos.

Neste sentido, as discussões sobre o contexto político sempre se fazem presentes entre as voluntárias dentro do grupo e também fora, durante as ações que o projeto desenvolve junto às pessoas que atende. Há o entendimento de que de nada adianta o trabalho do grupo se não houver de alguma forma um processo de politização junto às ações. Para que a realidade das pessoas atendidas pelo projeto seja transformada é preciso que as políticas voltadas para aquelas pessoas mudem, os agentes produtores de pobreza precisam ser compreendidos e superados. Durante as ações, sempre que possível, o voluntariado procura levantar discussões para a construção de um alinhamento de ideias que vise o combate ao atual projeto político de empobrecimento, visto que, como apresentado aqui no primeiro capítulo com o trabalho de Josué de Castro, a fome não está dada, ela é produzida.

Este reconhecimento culminou no convite da CUT (Central Única dos Trabalhadores) Regional Sul para integrar o "27º Grito dos Excluídos e Excluídas", evento que ocorreu no dia sete de setembro de dois mil e vinte e um, feriado em

comemoração ao Dia da Independência do Brasil. A ação foi construída coletivamente através de reuniões online, onde foram discutidas as atividades e pautas que seriam abordadas.

O projeto NPN, após prévia conversa e apoio das moradoras da Estrada do Engenho, se colocou ao lado da CUT e organizou um almoço solidário na região, além disso, também programou algumas atividades culturais com apresentação musical de moradores da região e fornecimento de brinquedos infláveis e carrocinha de pipoca para as crianças. Contudo, devido à chuva que ocorreu durante o dia inteiro, estas últimas atividades não ocorreram. A discussão teve como pauta a reforma administrativa que estava sendo votada pela Câmara dos Deputados naquela época, no âmbito da PEC (Proposta de Emenda à Constituição) 032/2020 que visava o desmonte dos serviços públicos já que permitia a contratação de pessoas não concursadas para ocupar cargos públicos, além da retirada de outros direitos adquiridos, e o debate sobre a inflação, o aumento dos preços dos alimentos e do custo de vida. Durante o almoço, que precisou ser adaptado e servido em marmitas, as voluntárias do projeto NPN caminharam junto dos demais organizadores conversando com as moradoras sobre o objetivo da ação e distribuíram folders explicativos sobre o atual cenário político, projetando as consequências da permanência deste projeto político na vida da população.



Preparo das refeições para o 27º Grito dos Excluídos e Excluídas no Sindicato da Alimentação.

Fonte: Facebook, 2021



(Ação conjunta do projeto NPN e a CUT Regional Sul, 27º Grito dos Excluídos e Excluídas, na Estrada do Engenho. Fonte: Facebook, 2021)

### **3.7 Terceira frente de atuação: isolamento térmico das casas**

A terceira frente de atuação do projeto acontece em decorrência de um problema enfrentado pelas moradoras da Estrada do Engenho: a precariedade das casas. A ideia do isolamento das casas com caixa de leite, técnica muito utilizada na atualidade, primeiramente surgiu de um conflito que aconteceu no grupo anterior a minha chegada. Em uma das conversas sobre a refeição que seria preparada na semana para as pessoas em situação de rua, uma das voluntárias sugeriu o preparo de sopa e que a mesma fosse servida em caixinhas de leite, visto que tinha muitas embalagens em casa e acreditou ser uma boa ideia porque era uma forma de reutilizá-las. Ela achou que as pessoas em situação de rua que receberiam a janta não se importariam. A ideia foi refutada veementemente pelas demais voluntárias, contudo, serviu para estabelecer alguns princípios e a identidade do coletivo. Após isso, foi pensado um outro uso para as caixinhas de leite, surgindo assim a ação de isolamento térmico das casas.

As casas da estrada do engenho se encontram em situações muito precárias, a maioria delas construídas com restos de madeira e com frestas que em dias de chuva são incapazes de impedir a passagem da água, além do vento, que principalmente no inverno, gera muita preocupação, já que não protege das baixas temperaturas. Uma das primeiras beneficiadas com o isolamento térmico das casas

me relatou durante a ação que em dias de muito frio e chuva usava suas roupas e das filhas para tapar os buracos da casa onde mora, que foi construída por ela e pela sua irmã:

Essas duas peças da parte da frente da casa eu e minha irmã que construímos sozinhas há muito tempo. Mas o quarto do fundo foi só agora, depois que engravidei do Micael, e com o dinheiro do auxílio emergencial. Mas não tive dinheiro suficiente para comprar a madeira, então ficaram essas frestas, que quando tá muito frio ou chovendo eu tapo com as nossas roupas.

Além disso, outro fator importante e que neste caso agrava a situação é que a Estrada do Engenho se encontra às margens do Canal São Gonçalo, muitas casas ficam a um ou dois metros da água, outras já são construídas dentro d'água mesmo, em estruturas conhecidas como palafitas. Moradoras relatam que quando chove demais a água sobe e invade as casas. Dona Maria, senhora de cerca de 50 anos, umas das primeiras moradoras a ter a casa revestida, me contou que quando isto acontece ela e o marido precisam abandonar a casa e passam a morar no pequeno barco de três metros quadrados que possuem, deixando nesse período a filha na casa da sua irmã que mora no bairro Dunas.





Voluntárias durante a ação de revestimento das casas das famílias da Estrada do Engenho. Fonte: Facebook, 2021

### **Considerações finais**

Este trabalho de conclusão de curso teve por objetivo contextualizar a fome no Brasil a partir da obra de Carolina Maria de Jesus, Josué de Castro e Maria do Carmo de Freitas, bem como relacionar com dados de pesquisas e denúncias do Brasil atual. Assim, intentei mostrar que a problemática da fome no Brasil não é novidade, pois pertence a uma lógica colonialista de exploração da terra e da classe trabalhadora que remonta ao período escravocrata e perdura até hoje. A fome é produto da ação humana, de um projeto político de exclusão, de dominação política e econômica que empobrece a população, uma ideologia perversa que cria um cenário de miséria. Além disso, mostrei nesta pesquisa a origem e contribuição do Terceiro Setor no combate às mazelas sociais, como é o caso da fome, diante da má gestão dos governos à frente do Estado. Neste sentido, busquei entender a criação e organização de projetos sociais do Terceiro Setor voltados para o combate à fome. Para isso, realizei esta pesquisa de cunho etnográfico no âmbito do projeto social Nós Por Nós, que passou a atuar na cidade de Pelotas após o início da pandemia de covid-19. O objetivo do grupo é amenizar a fome de quem vive em situação de

vulnerabilidade, como é o caso das pessoas em situação de rua e as moradoras da Estrada do Engenho atendidas pelo projeto nas mais diversas ações do grupo.

Demonstrei a importância da mobilização e organização popular para o enfrentamento da fome. No NPN, organização liderada, sobretudo, por mulheres, sujeitas às quais historicamente a tarefa de cuidar é sempre incumbida, as extensas jornadas acarretam em um aumento da sobrecarga de trabalho. Mesmo em um cenário de pandemia, essas mulheres arregaçaram as mangas e foram para as ruas desenvolver um trabalho fundamental para populações em extrema vulnerabilidade, movidas por uma ideia de partilha, guiadas por noções de igualdade e justiça social, uma espécie de solidariedade de classe. Destaco também a importância do coletivo ser constituído por pessoas cuja trajetória perpassa o envolvimento com associações de classe, movimentos sindicais e partidos políticos de esquerda, comprometidos com a classe trabalhadora. Esse movimento é fundamental pois orienta o grupo no sentido de ele mesmo entender o seu papel social, atuando sem deixar de cobrar quem de fato é responsável por desempenhar tal trabalho.

Por fim, quero destacar que a criação de Políticas Públicas que sejam efetivas só é possível após a identificação de um problema social e o entendimento de seu contexto. Então, nesse sentido, assim como as pesquisas do campo das ciências sociais, os projetos sociais também oferecem uma visão privilegiada destes cenários, visto sua aproximação com a sociedade e principalmente com grupos em situação de vulnerabilidade. Portanto, trabalhos antropológicos no âmbito do Terceiro Setor, como foi o caso deste, são cada vez mais necessários porque é fundamental trazer à tona estes contextos, os projetos sociais e sua organização, principalmente em períodos de crises e de negação e distorção da realidade, como o que estamos vivendo agora.

## Referências bibliográficas

ARANHA, Adriana Veiga. Fome Zero: uma história brasileira. In: Fome Zero: uma história brasileira. Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2010.

BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin. O estudo do consumo nas Ciências Sociais contemporâneas. In: BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin (Org.). Cultura, consumo e identidade. Rio de Janeiro: FGV, 2013. p. 21-44.

CAILLÉ, Alain. Antropologia do dom. O terceiro paradigma. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

CASTRO, Josué. Geografia da fome. 10a edição, Rio de Janeiro: Antares, 1980. Geopolítica da fome. São Paulo: Brasiliense, 1965.

CICOUREL, Aaron. Teoria e método em pesquisa de campo. In: GUIMARÃES, A. Z. (Org.). Desvendando máscaras sociais. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1980. p. 87-121.

CONASEMS. Protagonismo feminino na saúde: mulheres são a maioria nos serviços e na gestão do SUS. CONASEMS, 06 mar. 2020. Disponível em: <https://www.conasems.org.br/o-protagonismo-feminino-na-saude-mulheres-sao-amai-oria-nos-servicos-e-na-gestao-do-sus/>. Acesso em: 26/05/2022.

EGER, Talita Jabs. Dinheiro e moralidade no Bolsa Família: uma perspectiva etnográfica. 2013. 196f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. in: Cadernos de campo. Vol. 13, Nº 13. Pps.: 155-161. São Paulo: PPGAS/USP, 2005.

FERNANDES, António Teixeira. Conflitualidade e movimentos sociais. *Análise social*, v. 28, n. 123/124, p. 787-828, [S. l.: s. n.], 1993.

FOOTE-WHYTE, William. Treinando a observação participante. In: \_\_GUIMARÃES, Alba Zaluar (Org.). *desvendando Máscaras Sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

FREITAS, Maria do Carmo Soares de. *Agonia da fome*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ; Salvador: EDUFBA, 2003.

GODOLPHIM, Nuno. A fotografia como recurso narrativo: problemas sobre a apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 161-185, jul./set. 1995.

GONÇALVES, Marco Antonio. Um mundo feito de papel: sofrimento e estetização da vida (os diários de Carolina Maria de Jesus). *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 20, n. 42, p. 21-47, 2014.

GODBOUT, Jacques. “Introdução à dádiva”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 13, nº. 38, São Paulo: [s. n.], 1998.

GUTIERREZ, Suzana. *A etnografia virtual na pesquisa de abordagem dialética em redes sociais on-line*. Rio de Janeiro: 32ª Reunião Anual da Anped, 2009.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: Diário de uma favelada*. 10ª. ed. São Paulo: Ática, 2019.

LAUTIER, Bruno. O governo moral dos pobres e a despolitização das políticas públicas na América Latina. *Salvador. Caderno CRH*, v. 27, p. 463-477, 2014.

LEMÕES, Tiago. *A rua em transe: Territórios relacionais e a política dos afetos entre pessoas em situação de rua [recurso eletrônico] / Tiago Lemões -2a edição - Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.*

LEMÕES, Tiago. De vidas infames à máquina de guerra: etnografia de uma luta por direitos. 2017. Tese de Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. UFRGS, Porto Alegre, 2017.

LIMA, Mário Sérgio. Inflação e pandemia podem empurrar Brasil de volta ao Mapa da Fome. CNN Brasil. 01/04/2021. Disponível em:  
<<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/inflacao-e-pandemia-podem-empurrar-brasil-de-volta-ao-mapa-da-fome/>> Acesso em: 20/05/2022.

MACHADO, Carmen Janaina; MENASCHE, Renata. "Pobre não tem hábito alimentar, pobre tem fome": reflexões sobre consumo e políticas públicas. In: Janine Helfst Leicht Collaço et al (Org.). Cidades e consumo alimentar v.2: tradição e modernidade do comer contemporâneo. 1ed. Goiânia: UFG, 2018.

MAGNI, Claudia. Nomadismo Urbano: uma etnografia sobre moradores de rua em Porto Alegre. Sta Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

MARTINS, Paulo Henrique. A dádiva e o terceiro paradigma nas ciências sociais: as contribuições antiutilitaristas de Alain Caillé. Sociologias, v. 19, n. 44, [S. l.: s. n.] 2017.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: \_\_\_\_\_. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac Naify, [1923-24] 2003, p. 185-210.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. Revista de antropologia, p. 13-37, São Paulo: FFLCH/USP, 1996.

PEIRANO, Mariza. Etnografia, ou a teoria vivida. Ponto Urbe, [S. l.: s. n.], 2008.

PORTAL DE NOTÍCIAS G1 . Após polêmica, MTST faz almoço com camarões para centenas de moradores de ocupação na Zona Leste de SP. 21/11/2021. São Paulo. disponível em:  
<<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/11/21/apos-polemica-mtst-faz-almoc>

[o-com-camaroes-para-centenas-de-moradores-de-ocupacao-na-zona-leste-de-sp.gh](#)  
[tml](#)> Acesso em: 27/05/2022.

REDE PENSSAN. Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil. Jun. 2022. Disponível em:  
<https://olheparaafome.com.br/wp-content/uploads/2022/06/Relatorio-II-VIGISAN-2022.pdf>. Acesso em: 10/06/2022.

RIBEIRO JUNIOR, José Raimundo Sousa. A fome e o debate sobre os problemas relativos à alimentação no Brasil. In: Anais do IV Encontro Nacional de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar, 2019, Goiânia. Anais eletrônicos. Campinas, Galoá, 2019. Disponível em:  
<<https://proceedings.science/enpssan-2019/papers/a-fome-e-o-debate-sobre-os-problemas-relativos-a-alimentacao-no-brasil>>. Acesso em: 02/06/2022.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. A mulher na sociedade de classes: mito e realidade. Petrópolis: Vozes. 1976.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. Métodos de pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 33-44, 2009.

SOUZA, Talita de. Eduardo Bolsonaro critica Moura por comer "camarão" no MTST; alimento foi doado. Correio Braziliense. 13/11/2021. Disponível em:  
<https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/11/4963001-eduardo-bolsonaro-critica-moura-por-comer-camarao-no-mtst-alimento-foi-doado.html>. Acesso em 27/05/2022.

UNICEF. Pobreza Infantil Monetária no Brasil – Impactos da pandemia na renda de famílias com crianças e adolescentes. Mar. 2022. Disponível em:  
<https://www.unicef.org/brazil/media/17881/file/pobreza-infantil-monetaria-no-brasil.pdf>. Acesso em 29/05/2022.

VIRGÍLIO, Jefferson et al. Antropólogo militante, pesquisador e/ou sujeito de estudo?: revisão teórica sobre pesquisa e militância na antropologia contemporânea. [S. l.: s. n.], 2013.